



**VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA**

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II - N.º 68 - 3 DE SETEMBRO DE 1942 - Preço: 1500

«FIGOS DE CAPA RÓTA!»

(Foto Benoiel)

Uma página de história contemporânea

C.A.D.C. quatro letras é uma época

* Uma entrevista com o Dr. Francisco Velloso *

ALGUÉM escreveu que o jornalista é um historiador de casos diversos, um pesquisador de nadas e de tudo, à margem dos factos notáveis, um obreiro quantas vezes obscuro dos estaleiros onde se constroem os complicados edifícios das reputações humanas. A história é feita por eles nas suas peças essenciais — a de ontem e a de hoje. As lavrarias monumentais não existiriam, se as não compusessem as pequenas obras quasi miniaturas, de alto engenho, que vão enquadrar no grande traçado.

Uma tarde, na Biblioteca Nacional embrenha-se um dèles a procurar em jornais extintos, e encontra um título: «Imparcial». Naturalidade: Coimbra. Há mais de vinte anos, nos primeiros anos da República. Ao cimo, um nome: Manuel Gonçalves Cerejeira. É um jornal de estudantes católicos. Percoremos a colecção. É como se por debaixo de fôlhas outonais encontrássemos de repente uma brasa ainda viva, um fogo ainda desperto. O instinto da reportagem, esse deus irónico ou maligno de quem um dia meteu passo pelas gazetas, leva-nos a tentar vê-lo que está por detrás daquela fachada, entre mostrando-nos talvez um recanto esquecido de um passado não longínquo e insuspeitado. Inquirimos. Dão-nos um nome. E dias depois, estamos diante do dr. Francisco Velloso, o antigo redactor principal do «Imparcial», o jornalista distintíssimo que se desdobrou pelos assuntos económicos, coloniais e internacionais, marcando sempre com destaque o seu valor. O primeiro movimento é de retraimento, quando lhe pedimos recordações.

— On ne badine pas avec les morts!

— Mas... les morts que vous tuez se portent à merveille!

O verso pareceu desfazer a relutância. E insistimos:

— Como apareceu o «Imparcial»?

— Pois lá vai, já que você quis ter a amabilidade de cá vir... Em Coimbra criara fama e era quasi tradição que não era inteligente nem capaz de coisa alguma quem não fosse pelo menos indiferente em matéria religiosa, e estabelecera-se quasi por aforismo que quanto mais à esquerda, mais talento. Isto já era velho e dogmático como os cânones universitários. Nos cursos dávamo-nos todos, mas bastava que uma suficiencia qualquer cuspsisse: — esse é da católica, para que o alvejado ficasse fido e havido por burro, e aliado à valeta das notoriedades intelectuais. Ouvia falar alguma vez do C. A. D. C., o Centro Académico de Democracia Cristã?

— Sim, cuvimos.

— Pois o C. A. D. C., fundado por ocasião da perseguição religiosa, por estudantes católicos de Coimbra — o cônego Correia Pinto, do Pôrto, é um dos raros abencerragens dêsse tempo — viveu, e nós dentro dèle, como uma cunha entre êsses dois dogmatismos. Falta-se muito nos «anarquistas» coimbrãos, e nos republicanos da academia, e nunca, aos que o mereciam, lhes negámos valor ou nos privámos da sua camaradagem. Mas êsses, à parte algumas resistências catedráticas, podiam sempre contar com a opinião da maioria dos lentes que professavam um liberalismo intransigente e um anticlericalismo à prova de parafuso... Os párias éramos nós, que no Centro formulávamos afinal um protesto continuo entre o mundo de preconceitos que ia morrer com a monarquia, e outro que ia prae-ncher o novo regime, a república.

Depois, como a concluir: — O «Imparcial» foi uma consequência dêsse protesto para reivin-

liciar pura e simplesmente aquilo que se nos negava: o direito de crer, o respeito pela nossa intelligência e pela nossa cultura.

Francisco Velloso falava, como costuma, com convicção.

— Quere recordar alguns nomes do jornal?

— Olhe: — Gonçalves Cerejeira depois de temerosa discussão acerca do título da fôlha, assumiu a sua direcção, e nêle já se afirmavam o coração e o espirito de ouro do admirável padre, professor e literário que é; eu e o Teixeira Neves, de Bragança, temperamento de jornalista de raça, que o escrevíamos; Ramos de Castro, poeta e intelligência brilhante, já falecido. E em seguida os colaboradores que vinham pouco a pouco, quando vinham: Pacheco de Amorim, argutíssimo, hoje lente de matemática; Castro Meireles, que morreu há pouco Bispo do Pôrto, e foi, quanto a mim, e junto de António Pedras, que também já morreu advogado em Barcelos, um dos mais altos talentos da ge-

ração; Ferreira Neto, Abílio de Araújo com seus ques de humorista, Juvenal de Araújo, hoje presidente da Associação Commercial do Funchal, e Salazar...

— Salazar... Lembra-se dèle?

— Perfeitamente. Conheçemo-nos próximo do Natal em Viseu, apresentados pelo cônego Damasceno, quando lá fui fazer uma conferência ao Circulo de Operários sobre — oh céus! — o pessimismo contemporâneo! A seu lado, Mário de Figueirado, e ambos, saídos do seminário e então professores do Colégio da Via Sacra, andavam tirando o sétimo ano do liceu, para viram, como vieram, cursar a Universidade em Coimbra. Um dia Salazar appareceu-me no quarto do pavoroso administrador do jornal, o excelente Carneiro de Mesquita, hoje cônego do Patriarcado, trazendo uns quartos de almaço que ainda com outra papelada conservo, escritos sobre um dos problemas de educação, então postos em voga num livro do professor

(Continua na pág. 20)



O Dr. Francisco Velloso conversando com o nosso Director

Figuras da Vida MUNDIAL

O GENERAL ARCHIBALD WAVELL grande chefe militar da Grã-Bretanha. É considerado mesmo, pelos próprios adversários, o melhor general inglês. A ele se deve a vitoriosa arrancada que, em 1940, na campanha do deserto, levou as tropas imperiais britânicas às portas da Tripolitânia. Está-lhe agora confiada a difícil tarefa de combater os japoneses que se encontram na Bir-mânia e que ameaçam invadir a Índia

(Caricatura de SANTANA)



SANTANA

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XIII—Quanto vale uma esquadra

4

O ATAQUE A TARANTO

T

RES episódios da maior importância ilustram a história da guerra no mar no final do ano de 1940: o ataque da aviação inglesa à esquadra italiana fundeada em Taranto, o episódio doloroso do cruzador auxiliar britânico «Jervis Bay» e a batalha travada entre frações importantes das esquadras

inglesa e italiana, no mar de Sardenha. Faremos a cada um deles, dada a sua significação e repercussões, uma ligeira, mas necessária, referência.

Todos ocorreram no mesmo mês: Novembro. O ataque à esquadra italiana fundeada em Taranto foi o prólogo indispensável da ofensiva desencadeada em terra, pouco tempo depois, pelo general Wavell. A Grã-Bretanha procurou, antes de iniciar essa operação transcendente, afirmar a sua supremacia no Mediterrâneo. Como a esquadra italiana usava de cautelas compreensíveis não deixando expor o grosso das suas forças numa batalha de resultados problemáticos, os ingleses procuraram atacá-la nos próprios portos em que ela se encontrava fundeada, conseguindo em parte o seu intento.

A acção foi realizada pelos aparelhos dos dois porta-aviões britânicos em serviço no Me-

diterrâneo: o «Ark Royal», que mais tarde havia de ser afundado, depois de ter conseguido outras arriscadas missões, e o «Illustrious». Alguns desses aparelhos, voando sobre Taranto, verificaram que se encontravam ali vários navios de guerra da armada italiana. Entre esses navios contavam-se os coraçoados da esquadra de linha italiana (em número de seis) e diversos cruzadores de diversos tipos. O ataque realizado por aviões torpedeiros teve toda a característica de uma acção de surpresa.

Foram atingidos durante esse ataque um navio de linha da classe «Littorio» (35 mil toneladas), que ficou com a proa mergulhada, e dois de tipo «Cavour» (24 mil toneladas) que foram também gravemente atingidos. A artilharia anti-aérea de terra funcionou com uma precisão absoluta atingindo e abatendo alguns dos aparelhos atacantes. Mas as consequências do ataque, embora se não tenham traduzido pelo afundamento de nenhuma das unidades da Armada italiana, colocaram esta em situação de inferioridade durante algum tempo. A acção foi dirigida, do lado inglês, pelo almirante Somerville.

O EPISÓDIO DO «JERVIS BAY»

Este episódio, ocorrido também em Novembro de 1940, consistiu num duelo, dramático, mas de resultados previstos, entre o «Jervis Bay», um velho vapor de carga britânico transformado em cruzador auxiliar, e o cruzador pesado alemão, de dez mil toneladas, «Von Hippel», armado com canhões de 203 mm. O duelo foi rápido e terminou pelo afundamento irremediável do primeiro dos referidos barcos.

O «Jervis Bay» andava no Atlântico, em ser-

viço de escolta aos comboios que se dirigiam à ilha britânica. Conduzia-o um velho lobo do mar, o capitão de mar e guerra da reserva naval Fogarty Fegen. Logo que se iniciaram as hostilidades, Fegen ofereceu-se voluntariamente para regressar ao serviço que só abandonara pelas imposições do limite de idade. O vapor que foi confiado à sua perícia e à sua honra, tinha pequena velocidade e um armamento insignificante: quatro canhões de 152 mm. Isto não o impediu, apesar de saber a sorte que o esperava, a ele e ao navio que comandava, de afrontar corajosamente um dos maiores navios de guerra da esquadra inimiga.

Logo que o «Von Hippel» avistou o comboio iniciou o ataque ao cruzador auxiliar disparando contra ele as suas peças maiores. A segunda salva atingiu em cheio o «Jervis Bay» que acusou o toque. A bordo deflagrou rapidamente um grande incêndio que se propagou à pópa. Esta ficou envolta em fumaçada começando a tornar-se difícil a manobra. Apesar disso a tripulação não abandonou os postos de combate e os artilheiros continuaram na sua tarefa que se prolongou durante algum tempo, obedecendo às ordens imperativas do comandante Fegen.

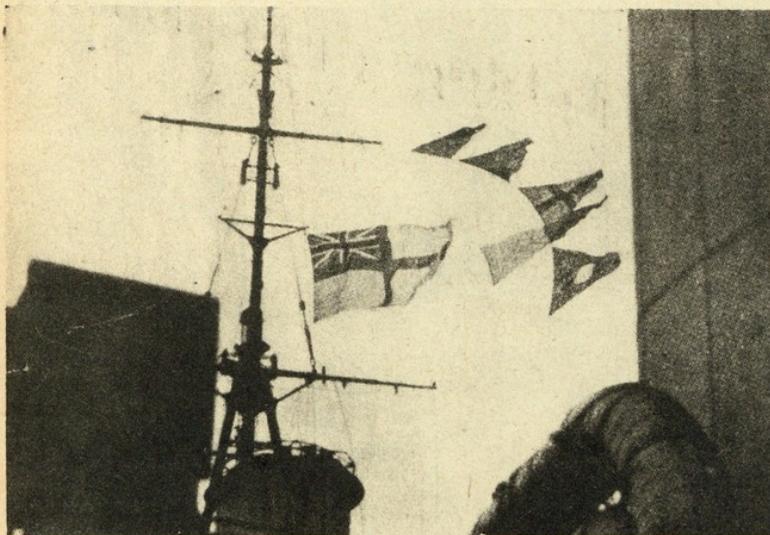
Este, na ponte do comando, não se deixou intimidar pela superioridade do inimigo. A sua missão consistia em se sacrificar, e aos homens que comandava, além de que o comboio pudesse passar. Esses homens foram caindo, um a um, sob o fogo mortífero das peças do «Von Hippel». Com os artilheiros que caíam as peças foram emudecendo e o casco do «Jervis Bay» foi-se transformando numa carcassa fumegante que o adversário continuava a alvejar. O Comandante Fegen e a maior parte da tripulação, sucumbiram. O comboio que o «Jervis Bay» escoltava, conseguiu chegar ao seu destino.

A BATALHA DO MAR DE SARDENHA

No fim de Novembro registou-se a mais dura batalha até então travada entre navios ingleses e italianos no Mediterrâneo. A acção foi ainda superiormente dirigida pelo almirante Somerville, e como o ataque aéreo a Taranto teve repercussões apreciáveis no curso das operações em África. Sem Taranto e sem a batalha do mar de Sardenha, a empresa de que o general Wavell se encarregara, dada a escassez de recursos com que foi iniciada, não poderia ter sido levada a cabo com tanta facilidade.

Mais uma vez ainda foram os aparelhos do «Ark Royal» que assinalaram a presença do inimigo e as suas referências precisas que permitiram o desenvolvimento posterior da acção. O almirante Somerville, que hasteara o seu pavilhão a bordo do coraçoado «Renown», recebeu a informação de que uma poderosa formação naval inimiga navegava nos mares de Sardenha. Essa formação incluía, entre outras unidades, dois coraçoados, um do tipo «Littorio», outro do tipo «Cavour», oito cruzadores, de diversos tipos, e, pelo menos, dezasseis contra-torpedeiros.

De posse dessa informação, o almirante Somerville tomou as suas precauções e fez os necessários preparativos para um ataque de grande envergadura. Enquanto os aparelhos do «Ark Royal» continuavam num valioso incessante trazendo informações e carregando tor-



Na batalha de Matapan: entre as bandeiras de sinais do código, o «Gloucester» destruída a insignia branca do barco—indicação de que a batalha está travada. As forças de contacto britânicas procuram colocar os navios italianos ao alcance do fogo das suas unidades pesadas de combate.

pedos faziam-se, a bordo dos navios ingleses, todos os preparativos habituais, aos quais não faltava, como é costume, na Armada britânica, uma certa solenidade.

Os navios italianos, embora constituindo uma formação poderosa, não desejavam arriscar a batalha formal, dado o estado de relativa inferioridade em que a sua esquadra se encontrava pelas reparações demoradas que o ataque a Taranto impusera. Por isso demandaram a base naval de Cagliari, aumentando a velocidade e protegendo-se com cortinas de fumo. Realizavam assim um duplo objectivo: escapavam à artilharia dos navios pesados ingleses e atraíam o inimigo para o campo de tiro das baterias de costa, que não deixariam de os alvejar logo que surgisse o momento favorável. O almirante Somerville, percebendo esta intenção, procurou frustrá-la agindo com precisão e rapidez.

UM ESPECTÁCULO IMPRESSIONANTE

Mandando abandonar a perseguição que iniciara, deu ordens para que os aparelhos do «Ark Royal» realizassem um ataque a torpedo, em massa, contra os navios italianos. Dessa missão se incumbiram trinta aviões, que se abateram sobre a formação naval italiana, onde a artilharia anti-aérea começou a funcionar com uma precisão e um êxito pouco vulgares. Não foram, por isso, poucos os aparelhos abatidos, o que não impediu que os restantes desempenhassem a sua tarefa.

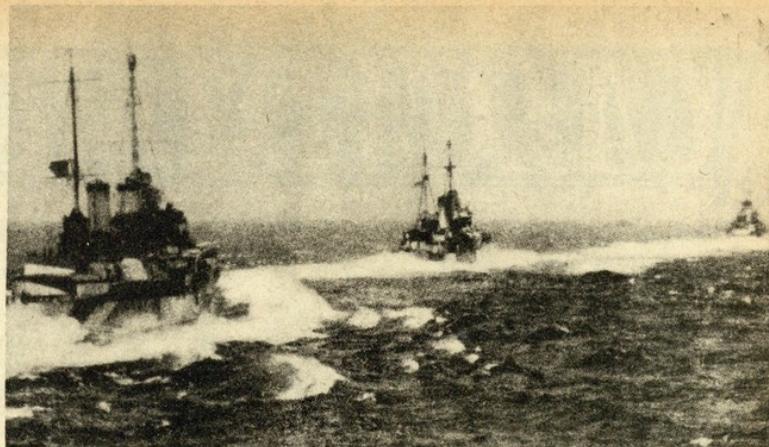
Rapidamente foram atingidos por torpedos aéreos o «Vittorio Veneto», navio irmão do «Littorio» (35 mil toneladas), e um cruzador pesado de dez mil toneladas.

Mas entretanto, a aviação italiana intervinha na luta e contrabalançava o assalto dos aparelhos que tinham descolado do «Ark Royal». Vinte aviões italianos atacaram, vigorosamente, os navios ingleses envolvidos na acção. O cruzador «Berwick» é atingido, mas continua a navegar, não se registando baixas a bordo. O fogo dos aparelhos italianos concentra-se, em determinado momento, sobre o «Ark Royal», que parece votado a uma destruição irremediável.

Dez torpedos, além de numerosas bombas, são despedidos quasi simultaneamente sobre o famoso porta-aviões britânico. A sua volta estabelecem-se tão densas colunas de água que, por momentos, o navio quasi desaparece no meio de uma espessa nuvem líquida.

A bordo do «Renown», onde se encontra o almirante Somerville, há o receio justificado de que êle tenha sido afundado. Poucos minutos dura esta suposição. O «Ark Royal» realizara sem dano, mais uma das suas provas. A tarde a sua tripulação recebia uma mensagem entusiástica do comandante da esquadra:

«Tive ocasião de apreciar os vossos relatórios e desejo felicitar-vos, bem como a toda a tripulação, pela maneira resoluta e nobre e como



Ma os navios italianos, fazendo forçar as máquinas, procuram evitar o combate. Entretanto, o «Perth», o «Ajax» e o «Orion», formando em coluna, lançam-se em sua perseguição — até que a batalha é travada, furiosa e violenta, terminando pela vitória da esquadra inglesa.

teram desempenhados tôdas as missões de reconhecimento. Quanto ao bombardeamento de que o navio foi alvo, constituiu um espectáculo magnifico ver o «Ark Royal» emergir duma cortina de água com todos os seus canhões a fazer fogo. Orgulho-me de vós.

A guerra no mar oferece destes contrastes que, por vezes, se revestem de certa beleza.

A BATALHA DE MATAPAN

A batalha naval de Matapan, segunda que na história ficou com êste título (a primeira foi a 19 de Julho de 1717 e nela tomaram parte navios portugueses), travou-se a 28 de Maio de 1941, numa altura em que a luta nas margens do Mediterrâneo, em África e na Europa, atingia proporções decisivas. Era a fase culminante da guerra em que as tropas britânicas, depois de terem levado o exercito do marechal Graziani até a fronteira da Tripolitânia, recuavam, por sua vez, sob o impulso das forças blindadas que o general Rommel conseguira fazer transportar rapidamente para o norte de Africa.

Na véspera, um golpe de Estado dado pelo general Simovich, em Belgrado, abria novas perspectivas à acção britânica nos Balcans. A Grã-Bretanha, que se comprometera a auxiliar a Grécia na dura provação porque êste país estava passando, enviara para o continente um corpo expedicionário de regulares proporções, bem equipado e bem treinado, o qual tinha por

missão colaborar com os exercitos grego e jugoslavo na luta que não deixaria de se travar contra as formações poderosas do Reich da Itália.

As forças imperiais britânicas destacadas para o desempenho dessa missão foram tiradas do exercito do norte de Africa, e é nessa circunstância inicial que deve fundamentar-se o resco do general Wavell, que havia de revelar-se de tão graves consequências no futuro.

Era a altura, portanto, em que numerosos combóios conduzindo tropas, munições, equipamentos e vivens, atravessavam o Mediterrâneo entre o Egipto, Creta e as costas gregas, onde desembarcavam incessantemente os soldados que deviam cooperar na constituição de uma nova frente continental. Esse transporte fazia-se sem dificuldades apreciáveis, o que significava que a esquadra inglesa mantinha o dominio do Mediterrâneo Central e Oriental, e que êsse dominio lhe não era contestado pelos seus adversários.

A esquadra italiana, gravemente atingida pelos golpes que cinco meses antes recebera, pudera recompôr-se em grande parte, graças ao trabalho aturado dos seus arsenais e à pericia dos seus engenheiros. Esta situação, em condições de afrontar o adversário numa acção que nem por dever ser cautelosa se impunha com menos urgência.

(Continua na pág. 14)



O famoso porta-aviões «Ark-Royal» sobrevoado por uma das suas esquadilhas

CALCADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

VÃO desaparecendo os gatos de Lisboa sacrificados às exigências da chamada higiene citadina. E, entretanto, o gato — temos obrigação de o dizer — foi sempre, e ainda hoje é, um animal querido de Lisboa. Tão querido que Lisboa acabou por ser considerada, na opinião de alguns observadores perspicazes e justos, a cidade dos gatos — tão naturalmente como Veneza é a cidade das pombas ou Constantinopla a cidade dos cães. O próprio Rafael Bordalo Pinheiro chegou a propor que Lisboa oferecesse diariamente aos estrangeiros, em pleno Rossio, a horas certas, um espectáculo idêntico àquele que Veneza lhes oferece na célebre praça de São Marcos: simplesmente em vez de pombas que pousassem nos ombros dos «touristes», teriam gatos; os numerosos gatos lisboetas, que surgiram doces, coelantes, cingindo-se-lhes às pernas, fazendo «run-runs» e momices. A verdade é que o gato de Lisboa está agora sendo profundamente devastado, não por qualquer epidemia felina, — mas pela própria higiene pública. Lamentamo-lo por várias razões, e até por esta: é que a Higiene com a exclusiva preocupação de exterminar os gatos se esqueceu redondamente de que os ratos estão invadindo a cidade... Ora nisto há «gatos» — precisamente porque não há gatos...

TELEGRAMAS

A Companhia Portuguesa Rádio-Marconi estabeleceu agora um serviço telegráfico económico para todos os pontos do Império Português. Este serviço consta de 4 séries de 25 frases de saudação devidamente seleccionadas, applicáveis a casamentos, nascimentos, aniversários, etc. É só escolher. Algumas dessas frases são tocantes. Apenas uma alvorçou a nossa atenção. Ela: «Acaba de chegar o morgado ansiosamente esperado. Mãe e filho continuam bem». Mas então os morgados não estão abolidos pela nossa lei civil?

FRUTA

AS maçãs estão por um preço estrondoso! — dizem-nos ontem um velho vegetariano. Este ancião queria o fruto proibido por dez réis de mel coado... Ingénuo — ou judeu!

ALTA SOCIEDADE

NUMA soirée um dos convidados para outro: — Diz-se um sandwich ou uma sandwich?
— Com franqueza não sei — diz o outro. — Eu para evitar enganos peço sempre três sandwiches...

O VIANINHA



António Viana não é apenas um advogado conhecidíssimo: é também um distintíssimo músico. Se a advocacia é a sua vida, a música é a vida do seu sonho. Pode afirmar-se que nasceu compositor. A arte musical estava-lhe na massa do sangue. Aos três meses já compunha, ao colo da ama, fados à guitarra. Aos dois anos, disputava Offenbach. Em Coimbra, quando andou pela Universidade, dedilhava no bandolim notas sentimentais com a comovida ternura dum poeta; e, como era pequeno da estatura, chamavam-lhe as raparigas — «O Vianinha do bandolim». O bandolim foi-se: o Vianinha — como ainda hoje muitos o tratam — esse ficou, e todos os anos, pela primavera, rejuvenesce como as flores. A música constitui um dos seus grandes ideais. Preguntassem-lhe qual era a sua maior aspiração e elle responderia, sem hesitar, num sotaque que, às vezes, parece minhoto e outros brasileiro:

— A minha maior aspiração era ver o Código Civil escrito em fusas e colcheias! O certo é que António Viana é autor duma brгада de canções que se espalharam por aí fora, à semelhança de pétalas de rosa que um vento alegre estolhasse. Algumas dessas canções, podem considerar-se célebres, como essa «Uma porta, uma janela...» que, ou nos enganamos muito, ou já deu a volta ao mundo — três vezes e meia... Nascido noutro país, António Viana estaria rico, só a compor música. Aqui, não. Dir-se-hia que Cresco não quer relações com os artistas. Entretanto António Viana já que não pode fazer fortuna — faz música. A música é afinal a sua Riqueza. Ainda ontem elle foi ao Montepio depositar algumas «notas» que, se lhe derem juro, — é em metal cantante... E viva o velho!

O JOÃO DA «BRASILEIRA»

ENTRAMOS, há dias, na «Brasileira» do Chiado depois duma ausência de duas semanas. João — o célebre João da «Brasileira» — mal nos viu, dirigiu-se para nós e exclamou:
— Gosto de vê-lo por cá... Para trocarmos impressões sobre as complexas rotações do mundo...

A LIÇÃO DOS FACTOS

RECENTEMENTE numa pequena aldeia da Beira dois bêbados envolveram-se em desordem. Um pacato cidadão pretendeu separá-los, mas foi agredido por ambos.
Lição dos factos: por cada dois que bebem, há sempre um que come...

VERSOS

NOS recentes jogos florais do Ateneu Commercial appareceu a seguinte quadra que me permito transcrever:

A minha sogra explodiu
Por eu lhe dizer alto, e bem,
Que a filha que me impingiu
Era bem filha... da Mãe!

Não apanhou o primeiro prémio. Sem dívida, foi uma grande injustiça lírica.

«MARIANA»

LEAMOS agora, na tradução de Campos Lima, editada pela Editorial Minerva, este célebre romance de Sally Salminen. «Mariana» é a história duma vida, ou antes, é a história da vida. «Mariana» é, no fundo, a própria vida, com as suas lutas, as suas dores, as suas canseiras — e os seus sonhos. Eis um livro que equivale a uma viagem à Filosofia.

MORALIDADE

A policia francesa entrou recentemente numa loja de antiguidades, em Paris, e proibiu a exposição, nas montras, da reprodução de três quadros famosos: *Vénus*, de Ticiano; *Júpiter e Leda*, de Veronese; e *Bethesabie no banho*, de Detroit. Razões: uma senhora de idade que todos os dias passava por aquela loja reclamara da policia contra o impudor publico que representava a nudez das figuras expostas naquelas reproduções. A autoridade atendeu a reclamação, as obras foram tiradas da montra — e *tout est finit*. Aguardamos que a púdica queixosa seja tambem oportunamente retirada da circulação — em nome da Arte.

SETEMBRO

SETEMBRO é, por excellência, o mês das praias. Dir-se-ia que sobre as areias tulas se formam pequeninas cidades de lona vermelha e branca com as suas cúpulas de guarda-sóis escarlates. O próprio mar resplandece, com mais brilho, na sua grande e maravilhosas sinfonia de cores. Em Setembro o mar não é «o mar» — é «a mar»... Torna-se feminino.

RAUL PORTELA

PREGUNTAMOS uma tarde ao maestro Raúl Portela — que a morte agora levou na sua asa negra — qual tinha sido o acto mais heróico da sua vida. Respondeu-nos: — Eu dirigia a orquestra do *Varietades*. Representava-se uma revista. Quando acabou a 1.ª sessão peguei no chapéu e fui-me embora para casa, convencido de que tinha acabado a segunda...
E sorrindo, commentou:
— Foi heróico, não foi?

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

As fábricas "Renault" destruídas pelos bombardeamentos da R.A.F.



Continua, violentíssima, a acção ofensiva da R. A. F., contra os principais centros industriais da Alemanha e da França ocupada. Com os seus ataques aéreos incessantes, feitos de dia e de noite, pretendem as Nações Unidas diminuir, já que não se lhe torna possível destruí-lo completamente, por enquanto, o potencial de guerra do Reich. Um desses ataques de terrível violência foi o realizado, há pouco, às fábricas «Renault», perto de Paris, a conhecida fábrica francesa de motores cuja produção estava sendo destinada ultimamente ao Exército alemão. Bombardeadas pelos aviões da R. A. F., essas fábricas não são agora, pelo menos em vários corpos dos seus numerosos edifícios, senão esses montes de escombros que estas duas fotos nos mostram na sua trágica realidade.

Escutai ROMA!

RADIO CENTRO E IAR IMPERIAL

NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

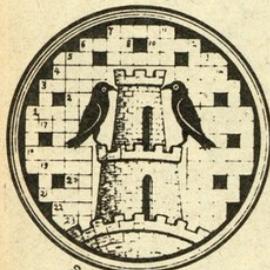
Horas	Estações	m.	Kc/s
6.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
12.20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
14.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
22.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
22.40 Noticiário	Ondas médias		
		m. 221,1	
		m. 263,2	
0,00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

21.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.695
21.20 (Quarta-feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830

VARIEDADES PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 38



HORIZONTAIS: 1 — Interj. Bras. (Designa Espanto); Abundante. 2 — Aparência; Adeus. 3 — Sêde; Medida. 4 — Pedra de afiar; Coisa amachucada. 5 — Ligação; Pequena embarcação, espécie de bote, na África Oriental; Moléstia. 6 — Repisar; Planície entre oiteiros. 7 — Nariz grande. 17 — Fronteira; Gênero de aves, a que pertencem as araras. 18 — Realidade; O mesmo que Roseiral. 19 — Idiota; Corte na pena, para escrever. 20 — Proposição; Nota musical. 21 — Carta de jogar; Família. 22 — Carapinha; Também. 23 — Membro das aves; Multidão.

VERTICAIS: 1 — Amargor. 3 — Insensível; Epocas notáveis. 4 — Memória; Zanga; Pronome pessoal. 5 — Variedade de uva minhoto; Capital da Grécia. 6 — Que faz mover; Espécie de jogo popular. 7 — Breu. 8 — Epoca. 10 — Rubor das faces. 11 — Fileira. 12 — Alia-da; Arranhar. 13 — Dissabor; Electuário, em que entra o ópio. 14 — Elogio; Irascível; Realidade. 15 — Antiga embarcação portuguesa, muito larga; Cantiga. 16 — Protecção.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 37

HORIZONTAIS: Via; Cão; 2 — Cão. 3 — Repara; Rastro. 4 — Apito. 5 — Aspa; Opta. 6 — Empa; Ei-lo. 7 — Ira. 8 — Atro; Atoa. 9 — Ates; Apar. 10 — Nitro. 11 — Aparas; Cruza. 12 — Aço. 13 — Avo; Ala.

VERTICAIS: 1 — Ver; Asa. 2 — Eta. 3 — Arpoam; Tabaco. 4 — Sport. 5 — Rapa; Oêna. 6 — Capa; Sisa. 7 — Ora. 8 — Orto; Arco. 9 — Ao pé; Apôr. 10 — Tinta. 11 — Catural; Ordena. 12 — Opa. 13 — Amo; Aba.

Dicionários adoptados: Cândido de Figueiredo, 4.ª Edição; Língua Portuguesa e Sinónimos — FONSECA e ROQUELE; Do Povo; Sinónimos e Mitologia — de BANDEIRA; e Mitologia de CHOMPRÉ.

MENTIRAS

conhecimentos

8

POR ZECO



— Sabe que tive a ventura de a ouvir cantar uma noite destas pela rádio? Mas que encanto! Que linda voz que a senhora tem!...

— Que linda voz... Ora a impostora! Se não tivesse fechado o aparelho, teria acabado, certamente, por me dar cabo dos ouvidos!...



«Vida Mundial» é um jornal que vale por muitos jornais. Por isso o público o procura e o disputa todos os sábados, quando aparece nas ruas de Lisboa. Mas não só de Lisboa, do Porto, de Coimbra, do país todo. Leia-o, assine-o. Por uma quantia insignificante ficará conhecendo todos os grandes acontecimentos e todas as grandes figuras do mundo!

Vida
MUNDIAL
ilustrada



Portugal, na Bienal de Veneza

Uma admirável imagem de «ALA-ARRIBA», o novo filme da «Tobis Portuguesa», realizado por Leitão de Barros, sobre um poema do Dr. Alfredo Cortez e com música de Ruy Coelho—filme que vamos ver respectivamente no «São Luiz», de Lisboa, e no «São João-Cine», do Porto, onde se estreia em 15 do corrente. «ALA-ARRIBA» é o primeiro filme português que se apresenta num concurso internacional. Como se sabe, foi designado pelo Secretariado da Propaganda Nacional para representar Portugal na Exposição Bienal de Veneza, o mais importante certame cinematográfico europeu. Inteiramente interpretado por pescadores poveiros, «ALA-ARRIBA» dá-nos, através de imagens belíssimas, os seus usos e os seus costumes, e a sua luta, dramática e eterna, com o Mar. A foto mostra-nos o desespero das mulheres, que assistem, na praia, ao perigo que correm os barcos em iminência de naufrágio, durante temporal que os torna brinquedos das ondas.

MUDANÇAS DE QUADRANTE

por Francisco Velloso

RESPONDENDO às ansiedades mundiais, esta última semana de Agosto, traz os primeiros silvos da grande rajada da guerra.

Na batalha do leste europeu, nos arquipélagos do sul do Pacífico, na China, nas trepidações dos dois exércitos que se defrontam no deserto às portas de Alexandria, há sinais que não falham. A entrada do Brasil na guerra reacendeu novas luzes no Cruzeiro do Sul.

A CAUSA IMEDIATA



GETÚLIO VARGAS

No dia 18 foi oficialmente anunciado no Rio de Janeiro que cinco navios brasileiros, transportando carga e passageiros entre os diferentes Estados do Brasil, haviam sido afundados por submarinos do «Eixo». Um comunicado oficial era publicado à noite, declarando: «Estes infames ataques contra navios mercantes indefesos, pertencentes a um país pacífico e longe dos teatros da guerra, foram praticados contra todos os princípios elementares da Humanidade». Em muitas cidades do Brasil multidões enchiam as ruas pedindo imediata declaração de guerra. Recebendo uma grande manifestação de solidariedade, o presidente Getúlio Vargas afirmava que «tudo quanto sucedeu, não ficará impune». E acrescentou:

«Os navios pertencentes aos países agressores serão incorporados no patrimônio brasileiro para pagamento dos prejuízos causados; os bens dos subditos do «Eixo» adquiridos no Brasil—esta grande terra que lhes deu hospitalidade e onde fizeram fortuna—serão também, responsáveis.

«Os quinta-colonistas e os espíões, todos aqueles que traíram os interesses brasileiros e que tenham anunciado a partida dos navios afundados, todos o que houverem trabalhado contra os interesses da Pátria, todos esses cujos padrões nos querem cortar as vias marítimas, irão de enxada, de pá e picareta ao ombro, cortar estradas no interior do Brasil.

Três dias depois, o chanceler Osvaldo Aranha aproveitava o acto da posse de um alto funcionário do Itamaraty, para, por seu lado, dizer:

«Aqui trabalha-se unicamente para a paz. É preciso não conhecer

a diplomacia brasileira para se poder supor que ela é capaz de atirar o Brasil para uma luta que não lhe fosse imposta para defesa da sua honra, do seu território e do seu ideal».

Estas palavras, manifestamente intencionais, proferidas quando o acontecimento já retumbara no mundo, iam ficar históricas e significativas.

Estas razões apareceram assim enumeradas num resumo ou transunto da comunicação diplomática enviada à Alemanha e à Itália:

1.º—A orientação pacífica do Brasil; 2.º—Conservação dessa orientação, apesar das declarações de solidariedade das sucessivas Conferências Pan-americanas e a agressão de que os Estados Unidos foram objecto por parte do Japão; 3.º—Citação da declaração da Conferência de Havana, que estabeleceu que um ataque contra um país do continente americano se considerava como acto de agressão contra os outros Estados signatários; 4.º—Sublinha-se que, por esse facto, o ataque contra os Estados Unidos devia determinar o Brasil a participar no conflito e não a fazer simples declaração de solidariedade; 5.º—Sem consideração por esta atitude pacífica, a Alemanha atacou a navegação mercante no limite das águas fixado pelo artigo 15.º da declaração do Panamá; 6.º—O Brasil limitou-se a apresentar um protesto diplomático tendente a conseguir a justa indemnização; 7.º—Sublinha-se que essa atitude era a melhor prova de tolerância e das intenções pacíficas do Brasil; 8.º—Recorda-se que os cinco recentes torpedeamentos são flagrante infracção do Direito Internacional e dos princípios de Humanidade; 9.º—Conclue-se que é innegável terem a Alemanha e a Itália praticado actos de guerra».

VOLGA! VOLGA!



ZUCKOV

Surgiu êle quando, na linha directa das repercussões da conferência de Moscovo entre Churchill e Estaline, e da paragem dêste no Cairo, por onde, no seu regresso a Londres, também se demonstrou, os sucessos internacionais da guerra foram como que sacudidos num afan a que não pode chamar-se súbito, pois já de largo vinha a fremir, como aqui havemos apontado, mas que assinala a vista desarmada uma transformação a fundo. Tudo indica, na verdade, que, se não cessaram os efeitos dos retardamentos, das dessincronizações e

da descoordenação, a lentidão do ritmo, os cálculos a longo prazo foram abandonados pelas duas grandes nações que no campo dos Aliados conservam a directriz e a responsabilidade da política e condução da guerra.

Esse afan demonstrou-se logo nas frentes de batalha.

Na da campanha da Rússia meridional, aparecia no dia 21 pela primeira vez, no comunicado alemão, a expressão «entre o Don e o Volga», significando que Von Bock conseguira ultrapassar o primeiro dêstes dois rios, isto é, que a ofensiva germânica contra as posições adversárias de Estalinegrado e do Volga entrara no prometido e decisivo arranco. Os russos confirmavam-no no dia seguinte: a passagem verificara-se a sueste de Klets-kaya, sobre Kalatschinskaya e directa a Dubrovka, à margem do Volga, visando a grande cidade industrial pelo norte. Os russos acudiram. A agência francesa assim o descrevia:

«Entretanto, no conjunto, a resistência soviética em Estalinegrado revelou-se mais poderosa do que julgavam, em geral, os observadores militares neutros. A resistência russa continua sem fraquejar, nesse sector, há quasi quatro semanas. É verdade que o aniquilamento de dois exércitos soviéticos na curva do Don dá aos alemães boas bases de partida para o assalto. Mas os defensores da margem oriental do Don, ao que parece, agüentaram-se com firmeza».

Dois dias depois, em ataques e contra-ataques ainda a luta nesta testa de ponte marcava oscilações. A 26 aparecia a noticia (que tanto recorda os dias dramáticos de Moscovo no ano passado), de que os jornalistas estrangeiros presentes em Berlim tinham sido convocados à Wilhelmstrasse onde ouviram o seguinte: «A grande e decisiva batalha de Estalinegrado começou agora».

O comunicado do quartel general de Hitler citava o mesmo facto: a passagem do Don a noroeste de Estalinegrado, isto é, no mesmo local indicado pelos russos na antevespera. A frente tomava o dispoitivo de um colchete, a asa norte na margem oriental do Don, o centro ainda no arco do cotovelo do Don, a asa sul na margem oriental, sobre a frente entre Kotelnikovo e Abganerovo. Então o general Von Paulus, executando o plano do feldmarechal começou o investimento de Estalinegrado por norte e sul. A situação dos russos piorou e gerou alarme. A imprensa soviética tornou a gritar que era preciso que o inimigo não passasse, repetindo a famosa e brutal ordem aos defensores de Sebastopol e às columnas volantes que salvaram Mos-

covo: «matem alemães». A agência francesa torna a comentar:

«Do lado soviético não há ilusões sobre a gravidade da situação. O comando russo decidiu não fazer mais retiradas voluntárias e agarrar-se, custe o que custar, ao terreno, agüentando «até à chegada de novas reservas» que permitem esperar um restabelecimento da situação; e a importância dos combates que se desenvolvem presentemente em frente de Estalinegrado faz recuar para segundo plano as operações que continuam a desenrolar-se nos diferentes sectores da frente caucásica».

No Cáucaso, os defensores de Krasnodar e das portas do Mar Negro tinham de recuar, voltando depois à carga, recuando de novo, e a luta ferocíssima não lhes dava vantagens, senão as de retardar, o avanço inimigo. Para sueste o alemão forçava ao longo das bases da cordilheira a linha para Grozny, primeiro em Prokhladnaya, depois em Mordok, a curta distância. A luta travava-se em combóios blindados. Era estranho, porém, que o avanço alemão por Elista, na região dos Kalumes não prosseguia sobre Astrakan. Por causa do terreno de depressões salinas? Por causa dos efectivos, empenhados no sul sobre os desfiladeiros, onde em Cherkessk e em Maikop, a resistência guerreira do russo, vendia o terreno? Uma noticia de que a bandeira da suástica havia sido arvorada nos picos do Elbuz pelos alpinos alemães não dava resposta e poderia ser precipitada se os factos posteriores não a confirmassem. E assim aconteceu. A batalha secundarizara-se no Cáucaso e enraivecia contra Estalinegrado. Flechás alemãs apa-

Leite Materno

Não há nada que o substitua e todas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio

VITALOSE

Produto insistentemente recomendado pela Classe Médica, produz rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo.

GÓSTO AGRADABILÍSSIMO.

EFEITOS IMEDIATOS.

A venda em todas as Farmácias

Prevenção: Rejeitar imediatamente, por falsificação, toda a embalagem de VITALOSE que não tenha esta etiqueta registada, de garantia:



reciam a 30 quilômetros das densas fortificações que a defendem. Então, na madrugada de 27 surdiu informação seca de que os russos se agarravam ao terreno. O comunicado alemão invocava a dificuldade de romper a rede de obras de defesa levantadas entre os dois rios. A cidade só podia ser abordada — dizia a emissora alemã — pelo norte e sul, e o caso podia transformar-se num cerco, hipótese que os russos deixavam transparecer ao meterem na cidade mantimentos e material de guerra, e em qualquer caso era de admitir demora. A resistência russa aumentava de ferocidade. Mas soava a hora maior. Os dias 27 e 28 ficaram relembrados.

Então, no comunicado russo publicado a 28, apareceu uma informação sensacional: O grupo de exércitos de Zuckov na zona central da frente passou à ofensiva, conjunto ao do general Koniev, em Rzev e em Kaluga. Os alemães falavam de ataques inimigos repelidos, no sudoeste de Kaluga, perto de Rzev e nordeste de Medyn. Os russos revelavam que há quinze dias tinham lançado uma ofensiva nos sectores de Rzev, Gzhatk e Viazma numa frente de 150 quilômetros, atingindo até 20 de Agosto uma profundidade de 40 a 50 quilômetros; e que no sector central o exército de Zuckov passara à ofensiva, rompendo por 45 a 60 quilômetros — movimentos estes que se completavam com outro no sector de Briansk.

A rádio alemã correspondeu a revelações declarando que «mais de um corpo de exército alemão está envolvido na violenta luta ao longo da estrada estratégica no sector central da frente russa». E acrescentava: «A luta no sector central tornou-se particularmente feroz, quando tiveram de ser sustados os ataques inimigos ao longo da estrada. Num sector ocupado por um corpo de exército alemão, foram destruídos 40 tanques russos. Durante a batalha travada por uma importante posição e nos contra-ataques alemães para restabelecer a posição numa área florestal, foram infligidas pesadas baixas aos russos».

Como elemento de apreciação objectiva, damos ao leitor o seguinte comentário de Estocolmo: «Qual será o propósito deste contra-golpe russo? É óbvio que a sua primeira intenção é estabelecer uma diversão, se bem que no fim possa

significar muito mais, se der em resultado a perda de Smolensko. Von Bock, no seu avanço para Estalino-grado recorreu a tão grande número de forças alemãs do sector central, incluindo as forças aéreas, que provavelmente o exército russo está, aqui, em superioridade de homens e de material. Até onde poderá Zuckov forçar os alemães a trazer novamente forças da batalha de Estalino-grado para o sector central, ou, pelo menos, sustar o envio de reforços para o sul? É impossível, de momento, responder a esta pergunta, ou se a nova ofensiva salvará Estalino-grado — pois deverão passar ainda duas ou três semanas antes de poderem ser avaliados os efeitos do importante ataque de Zuckov».

Aguardemos a ampliação pormenorizada destas informações. A campanha da Rússia depende talvez disto mesmo.

OS GRANDES DIAS



Outro facto a confirmar o afã dos Aliados, os americanos e australianos, quando os japoneses desdobravam, apoiados nas bases das Ilhas Carolinas, o arco de investida ao norte da Austrália, assaltaram e ocuparam o sueste do arquipélago das Salomão. Com a costumeira prudência, o almirante americano deixou passar dias sobre o feito. Os nipões reforçaram-se e voltaram à carga. Uma batalha aero-naval desencadeou-se, a partir do dia 12. Dias volvidos as notícias apareciam encorajadoras para as forças dos Estados Unidos, sob o comando do almirante Gormeley. No dia 27, as forças navais japonesas de superfície abandonavam o campo de batalha das Ilhas Salomão, em derrota. A bandeira estrelada do Mar do Coral, de Midway e das Aleutas reavrorava-se nos topos. As conseqüências vão fazer-se sentir. Aqui dissemos muitas vezes que o calcanhar do Japão era a extensão das suas próprias conquistas. E assim continua a ser. A reacção de Mac Arthur é provável que não demore, tanto o mais que, dominada a sedição de Gandhi a favor do «Eixo», o exército da

Índia pode entrar, sob a condução de Wavell, na Birmânia. Então, o Japão, que talvez já não houvesse accedido a Berlim para atacar na Manchúria, por antever-se obrigado, nesse caso, a trespobrar as suas frentes quando mais precisa de poupar tropas e reservas industriais já desfalçadas, e terá de agüentar um triplice esforço (nos arquipélagos da Sonda, na Birmânia e na China, onde os exércitos de Chang-Kai-Shek acabam de os repelir estrondosamente do Chiansi Ocidental), que pode custar-lhe caro aos brios e aos sonhos de predomínio asiático.

Churchill chamava tudo isto, há pouco no Cairo, «os próximos grandes dias»...

O «PESO DO FARDO»



A morte do príncipe veio acrescentar o rol honorífico com que ao fim da guerra a Inglaterra comprou como foi gigantesco o pagamento da coragem com que tem Churchill arrostado a tremenda responsabilidade de obrigar a Alemanha a continuar a guerra. De facto, sem ela, a Alemanha já estaria vitoriosa há muito. É esta a distância enorme entre os dias equívocos de Chamberlain e a época histórica do neto dos Malboroughs. Antes e durante o conflito essa responsabilidade não evitou que a Grã-Bretanha cometesse erros e que se não raras vezes a falsa concepção que equipara esta à outra guerra, nos meios e processos, haja retardado a acção no momento próprio em que ela seria oportuna e eficiente. Sem dúvida, em terra, desde junho de 1941, a Rússia tem suportado, com inultrapassável heroísmo como dizia o Times, o «peso do fardo». Não se negue, porém, à Inglaterra (porque não lho recusam os alemães) que tem inalteravelmente sustentado com exemplar galhardia, esse encargo. Com razão disse o ministro da produção Oliver Littelton no dia 26:

«No primeiro trimestre deste ano produzimos 2,25 vezes mais munições para o exército do que os Estados Unidos e cerca do dobro do número de caças. Espero que no

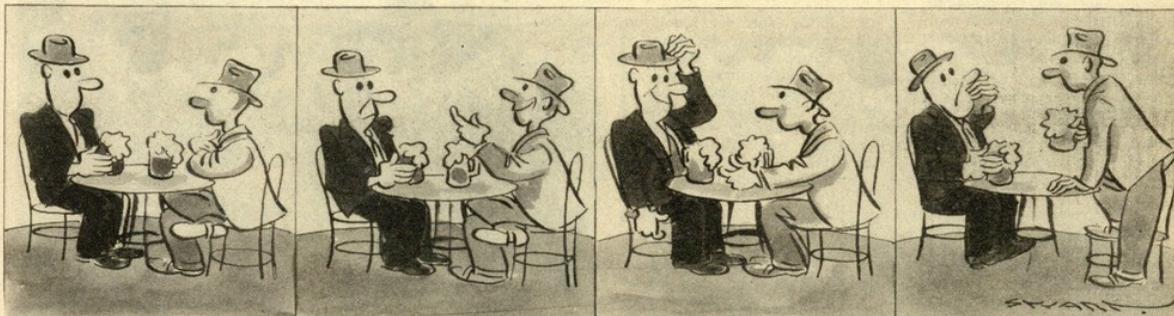
fim do terceiro trimestre a comparação será menos favorável para os Estados Unidos, o que é para mim uma grande causa de satisfação. Cinquenta e cinco de cada cem homens e mulheres da Grã-Bretanha estão a trabalhar para o governo e todos os outros estão também a efectuar trabalhos necessários para a condução de guerra. Comparando estes números com as condições da América, isso significaria 40 milhões de americanos trabalhando para o Estado. Os nossos caças são hoje os mais rápidos e os mais eficientes do mundo, enquanto que os nossos bombardeiros são melhores do que quaisquer outros».

E no dia seguinte, transmitia-se a informação de que um grupo de raparigas britânicas das fábricas de guerra seguirá brevemente para os Estados Unidos para mostrar às mulheres americanas a melhor maneira de auxiliar na produção de guerra. Esta resolução foi tomada a seguir à visita à fábricas de guerra britânicas, do general americano Barnes, que ficou impressionado com a eficiência do trabalho realizado pelas mulheres na indústria e é de opinião que as mulheres americanas seguirão este brilhante exemplo das mulheres britânicas. Barnes, que parte brevemente para os Estados Unidos, declarou ao correspondente da «Exchange Telegraph»: «Antes de chegar à Inglaterra pensava que os bombardeamentos alemães tinham reduzido a capacidade da produção de guerra das indústrias britânicas, mas isto não era certo, e estou verdadeiramente admirado pelo grande esforço produtivo e eficiência da organização industrial britânica».

Na altura em que «os grandes dias» se aproximam, e em que basta a presença de Churchill, com a assombrosa pertinência bem humorada e pitoresca do seu talentoso espírito septuagenário, para animar as fileiras onde setenta por cento de soldados ingleses guardam com seus corpos os direitos consignados na Carta do Atlântico, é dever restituir ao respeito público estas verdades que a morte do Duque de Kent veio quasi simbolizar.

31-8-942.

QUATRO ADIVINHAS por Stuart Carvalhais



— Sabes quem bate o «récord» da ascensão em linha recta?
— Serão os aviadores ingleses?
— Não, é o bacalhau...

— E sabes quem bate o «récord» da lentidão?
— Isso, sei. É o caracol!
— Pois enganas-te. É o carro eléctrico...

— E sabes definir o que é uma estrela?
— Oh, filho! Não sou astrónomo...
— Pois uma estrela é uma actriz de revista que não canta nada, que não tem graça alguma, mas tem boas pernas e ganha muito dinheiro!

— E agora para acabar. Sabes dizer-me o que é o «flirt»?
— O «flirt»? Não sei se sei...
— É a arte de prometer tudo e não pagar nada.

MISTER BULLFINCH

na terra dos sovietes

um artigo de Carlos Ferrão



O Primeiro Ministro, à sua chegada a Alamein cumprimenta, com a sua habitual boa disposição, os oficiais das tropas imperiais.

OS senhores recordam-se da reportagem deliciosa de Dickens ao descrever a chegada de Pickwick à cidade famosa de Chatam? «Por fim ouviu-se, entre a mul-

tidão, aquêlê sussurro murmurado que anuncia a chegada daquilo que era ansiosamente esperado. Os olhos voltaram-se para o forte e viram-se os batalhões, uns após outros, espalhar-se na planície, com as bandeiras graciosamente desfaldadas no ar e com as armas a brilhar ao sol. Os soldados fizeram alto e tomaram posição. As linhas foram percorridas pelos gritos mal articulados de comando; com um ruído característico apresentaram-se armas; à frente da tropa passaram o comandante-chefe e o seu luzido Estado-Maior. De repente, as músicas dos regimentos explodiram. Os cavalos empinaram-se e recuaram, varrendo, com as suas caudas, o espaço em todas as direcções. A multidão entusiasmou-se. E até à distância que a vista podia abranger, à direita e à esquerda, tudo parecia dominado pela extensa fileira dos fardamentos vermelhos e brancos, imóveis, quasi petrificados».

Era assim também na planície do Egipto num dos primeiros dias de Agosto do ano de 1942.

Anunciara-se a chegada de Mr. Bullfinch ao Egipto. E quando o «Liberator», um pássaro gigantesco que teria feito a admiração irremediável de todos os ilustres membros do imortal clube pickwickiano, pousou no solo, o viajante ansiosamente esperado desceu com certa desenvoltura, emoldurado numa farda vistosa de comodoro do Ar, e começou a distribuir sorrisos e cumprimentos entre os ofi-

ciais e as autoridades presentes. Mr. Bullfinch era o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha em pessoa.

Acompanhava-o um sequito reduzido: o general Alan Brooke, chefe do Estado-Maior imperial, o secretário permanente do «Foreign Office», Sir Alexandre Cadogan (o mundo há-de ouvir ainda falar muitas vezes da presença de Sir Alexandre no «Liberator» que transportava o Primeiro Ministro), e um médico que é, simultaneamente, um amigo incondicional e um nome de reputação europeia: Sir Charles Wilson.

Nem nas horas mais agitadas da sua mocidade distante, Mr. Bullfinch se sentira mais feliz. A confiança irradiava do rosto que sombriamente anunciou aos ingleses descuidados o drama de sangue, suor e lágrimas.

O RELATO DUM PILOTO

O capitão Van der Kloot, um antigo universitário de Alabama com o corpo de aço temperado pelo desporto e uma jovialidade permanente que recorda a luz da sua terra de origem, a Califórnia, fez, no regresso, o relato mecanizado daquela aventureira viagem: doze mil milhas percorridas em vinte e três dias, no meio dos mais diversos climas, vendo as gentes mais exóticas e, em Roma sé romano, usando os mais diversos trajes. Com a farda de comodoro do Ar ou com o fato macaco que lhe abriu, num largo sorriso, a porta do Kremlin, Mr. Bullfinch mostrou-se sempre bem humorado.

«Posso assegurar-lhes, disse o piloto Van der Kloot, aos jornalistas que o rodeavam num aeropórtio das proximidades da capital britânica, que é um homem extraordinário. Parece-me que sabe tudo. Durante a viagem, falou-nos quasi sempre de aviões com um conhe-

mento de causa que nos espantava. Sobre o Egipto ia-nos apontando todas as localidades e, a propósito de cada uma delas, contava-nos uma história a que se ligavam, geralmente, recordações de tempos mais felizes. A viagem foi perfeita».

Van der Kloot referia-se, evidentemente, ao facto de não se ter registado o mais pequeno incidente: nem uma «panne», nem um susto. Cinco mil horas de voo são um «record» que faria inveja ao piloto mais ousado e mais empreendedor.

Quanto ao resto... Mr. Bullfinch nada disse das conclusões a que chegou durante os encontros demorados e as conversações faticantes que teve com civis e militares, no Cairo e em El Alamein, em Teheran e em Moscovo.

Talvez, os respeitáveis membros da Câmara dos Comuns, quando regressarem de férias, oiçam da boca de Winston Churchill, um relato vigoroso e animado, colorido e convincente, do que foram esses vinte e três dias exaustivos que decorreram entre um jantar sábia-mente preparado pelo sr. Molotov e um charuto interminável oferecido pelo rei Faruk. Certo é que no caminho dos «contactos pessoais» nunca se fóra tão longe. O relato, nem por ser extenso e literariamente expressivo, deixará de ser parco em revelações. O que não impedirá que todos os ouvintes do Primeiro Ministro se sorriam, com um ar entendido, fazendo intimamente o roteiro dos resultados a que ele chegou.

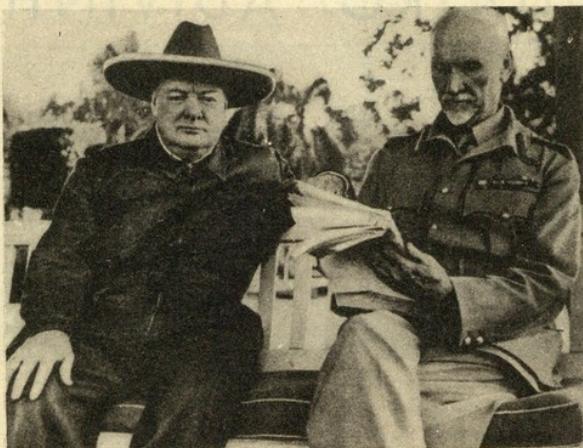
A IMPORTÂNCIA DA VIAGEM

A viagem de Churchill ao norte de África, ao Próximo Oriente e à capital dos sovietes domina esta fase da guerra. Entramos no quarto ano de luta sob o signo das com-

binhações que a sua imaginação arquitectou e a sua presença pôde impôr. Ao visitar, no regresso, um batalhão de escoceses que fez a guarda do Suez, o Primeiro Ministro deixou cair algumas palavras reveladoras: «Estamos em vésperas de acontecimentos decisivos. As tropas que aqui se encontram terão, nesses acontecimentos, um papel preponderante. A Grã-Bretanha e os Estados-Unidos fazem tudo para que, quando forem chamados a desempenhar a sua tarefa, nada lhes falte».

A lista das personalidades com quem o sr. Churchill se avistou fala, melhor do que qualquer relato imaginado, dos assuntos que ele tratou. Foram ouvidos, além do general Wavell, os chefes militares do norte de África e do Próximo Oriente, generais Alexander, Wilson e Quinan, os comandantes da aviação Coral, Tedder e Crespien, os dirigentes da França combatente, Catroux e De Gaulle, o governador de Malta, Lord Gort, o chefe da Legião polaca, general Anders. Depois foi a vez dos políticos e dos diplomatas, o ministro Casey, um australiano encarregado de orientar no local os negócios públicos, o ministro em Bagdad, Sir Kinahan Cornwallis, o príncipe Mahomed Ali, tio do rei Faruk, o chefe do governo egípcio, Nahas Pacha, o ministro da Grécia, Cannelopoulos.

Com a visita do sr. Churchill coincidiu (para não dizermos que essa visita a provocou) uma transformação profunda nos comandos das tropas imperiais que se encontram no Egipto e no Próximo Oriente. O general Auchinleck, que deteve o avanço de Rommel em El Alamein, foi afastado das suas funções e dada às tropas uma organização nova: o exército do Irak-Iran e exército da Palestina-Egipto, completamente autónomos.



Durante a sua estada no Cairo, Churchill teve uma larga conferência com o marechal Smuts, Primeiro Ministro da União Sul-Africana, que para o efeito ali se deslocou em avião.



Um grupo tirado no Cairo, e cujo objectivo vai marcar certamente um acontecimento histórico no próximo desenvolvimento da guerra: Churchill, em primeiro plano, tendo à sua direita o marechal Smuts, e à sua esquerda os generais Auchinleck e Wavell. De pé, o marechal do Ar, Tedder, Sir Alan Brooke, almirante Harwood e o ministro Casey.

O primeiro terá o papel de colaborar na defesa do Cáucaso, em ligação com os russos, e de defender, em caso de necessidade, o petróleo do Próximo Oriente; ao segundo caberá a missão de afastar do continente africano as tropas do «eixo». Missão ambiciosa, sem dúvida. Mas não tiveram outro significado as palavras que o sr. Churchill dirigiu aos seus chefes e os preparativos excepcionais que estão a ser feitos na sua retaguarda.

A LUTA EM SEIS DIRECÇÕES

Esta a parte mais importante e sensacional da viagem do sr. Churchill. A qual consistiu numa estadia de quatro dias em Moscovo, sendo três completamente absorvidos pelas conversações do Kremlin. A crise política que se desenhara vigorosamente na capital soviética, e que está na origem da visita do Primeiro Ministro, pôde ser dominada. Foi a presença de Sir Alexander Cadogan que contribuiu poderosamente para isso: É possível que a esta hora, se a intervenção do secretário permanente do «Foreign Office», o camarada Gorelik não tivesse lançado os seus homens sobre a avalanche de «tanks» alemães que investiu Stalingrado. Este o aspecto político culminante dos diálogos de Moscovo a que assistiu, para dar o seu

acórdio às resoluções tomadas (o acórdio neste caso implica uma garantia) o representante especial do presidente Roosevelt, sr. Averell Harriman.

Quanto ao aspecto militar das conversações, os acontecimentos que se estão precipitando à medida que diminui o prazo imposto pela fatalidade do inverno, falam com uma eloquência reveladora. As nações unidas tomaram a iniciativa no Extremo Oriente, no Pacífico e no ar. Preparam-se para a tomar também no Egipto. Se o general Rommel se lhes antecipar, o que é natural, nem por isso os preparativos para uma operação de grande envergadura deixarão de pesar na balança da luta. É essa a origem possível da segunda frente que, com uma unanimidade sintomática, deixaram de pedir em Londres, em Washington e em Moscovo.

Com o mês de Setembro aproxima-se o momento culminante da crise na frente russa. É preciso que, nessa altura, o exército soviético do Extremo Oriente, massa de manobra poderosa para acorrer ao ponto ameaçado, esteja livre; que os movimentos do Reich sejam embaraçados; que a possibilidade duma diversão militar na Europa, partindo do teatro africano, tenha consistência; que os soviéticos disponham de material (avição e carros) em quantidade suficiente



Emissões em LÍNGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
11.45	Noticiário	GRU	31,75 m. (9,45 mc/s)
		GRV	24,92 m. (12,04 mc/s)
13.15	Noticiário	GRZ	13,86 m. (21,64 mc/s)
		GRU	31,75 m. (9,45 mc/s)
13.30	Actualidades	GRV	24,92 m. (12,04 mc/s)
		G S B	31,55 m. (9,51 mc/s)
22.00 (*)	Noticiário	GRX	30,96 m. (9,69 mc/s)
		GRT	41,96 m. (7,15 mc/s)
		G S B	31,55 m. (9,51 mc/s)
22.15 (*)	Actualidades	GRT	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas médias de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).



CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11\$00;
 6 meses (24 números) — 22\$00; 12 meses (48 números) — 43\$00. África: 12 meses (48 números) — 60\$00.
 Estrang. c/convenção — 12 meses (48 núm.) — 65\$00.
 Estrang. s/convenção — 12 meses (48 núm.) — 80\$00.

para fazerem face à arremetida da Wehrmacht. Sem o que...

Mas foi precisamente de tudo isto que o sr. Churchill tratou em Moscovo. O sr. Harriman deu a aquiescência dos Estados Unidos; Sir Alexandre Cadogan interveio com a bênção dos compromissos formais. E agora há que prestar atenção ao que vai passar-se nas águas do Pacífico e nos aeródromos da China, no Egipto e no Cáucaso, na costa africana (entre

Dakar e Casablanca) e no céu das cidades industriais da Alemanha. E se quiserem, como diversão apropriada (que não é razão essencial) ao longo das posições fortificadas que a engenharia alemã ergueu entre Kirkenes e os Pirenéus.

Mas é nas seis direcções apontadas em primeiro lugar, que vão jogar-se os destinos do mundo, enquanto o inverno não fizer a sua aparição.

USE O MATERIAL FOTOGRAFICO

ILFORD



CHAPAS // PAPEIS
 PELÍCULAS

A venda nos estabelecimentos de artigos fotográficos



ILFORD LIMITED
 ILFORD — LONDRES



Em plena frente de batalha, os australianos aclamam o Primeiro Ministro da Inglaterra.



O BRASIL e o seu nacionalismo literário

Um artigo de Rebelo de Hellencourt

A melhor maneira de estimarmos e admirarmos o Brasil é conhecê-lo. Ao trazer para aqui alguns elementos curiosos, que nos ajudarão a compreender o espírito e as tendências do seu nacionalismo, devo declarar que eles não são inéditos nem novos, apenas, julgo eu, pouco conhecidos e merecedores, por esse facto, de lembrança e reflexão.

Não são somente os escritores e poetas da nova geração que nos colocam na presença e na intimidade de um Brasil que procura ser o mais brasileiro possível e, portanto, americano; é, também, um dos seus políticos mais inteligentes e representativos, o presidente Getúlio Vargas, através de algumas declarações, que nos dá a conhecer as tendências do Brasil moderno.

Começo por arquivar e recordar as declarações produzidas, não há muitos anos, a um dos redactores da «United Press». Elas demonstram-nos que o Brasil, para fortalecer, mais enraizadamente, o seu nacionalismo, deseja aproximar-se não só de todas as repúblicas sul-americanas mas, igualmente, dos Estados Unidos da América do Norte, e criar, de colaboração com todos esses países, um Direito americano.

As declarações de Getúlio Vargas foram feitas pouco tempo antes da sua viagem à Argentina, afim de retribuir a visita que, em 1933, realizara ao Brasil o presidente Augustin Justo.

Assim falou o Chefe de Estado do Brasil ao representante da «United Press»:

«Ainda não está fixada a data da minha viagem à Argentina. Aguardo a vinda, ao Rio de Janeiro, do presidente do Uruguai. Só, então, poderei determinar o dia em que partirei para Buenos Aires e Montevideo. A minha estada nas repúblicas do Prata não será simples acto de cortezia internacional; representará o corolário da política seguida pelo governo provisório, de que fui chefe. Para que a América exerça influência decisiva nos destinos do mundo, cumpre-nos, a todos os Estados componentes da comunidade americana, observar a mesma regra de conduta, em face dos problemas jurídicos, sociais e económicos da época moderna».

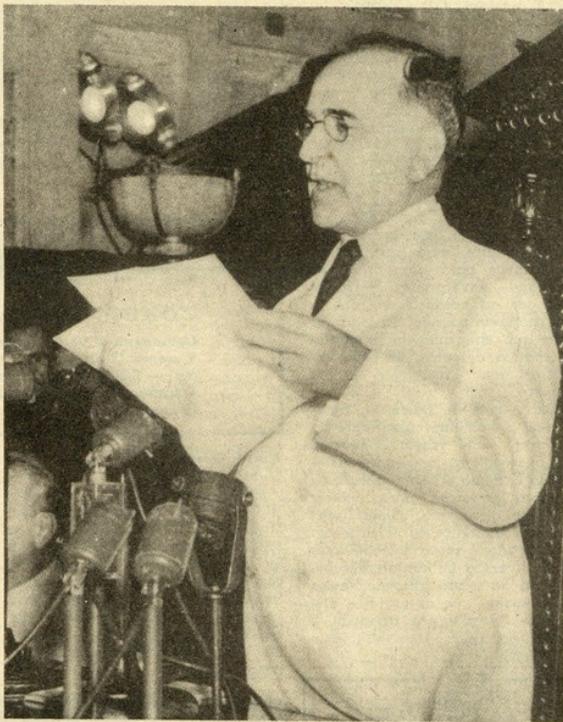
Em seguida, o presidente da República brasileira explicava as razões que tornavam possível e legítima a unidade americana:

«Do norte ao sul, não nos separam diferenças específicas, no tocante às questões propriamente humanas. Sob certo ponto de vista, somos um povo só, nascido de uma grande multiplicidade de bérços, que se fundiram num plasma único. Somos, por isso, uma raça cósmica. Se ainda perduram, infelizmente, raras e dolorosas litígios, não temos pendências irredutíveis

nem ódios irremediáveis. A semelhança dos nossos costumes, o paralelismo das nossas tradições democráticas, o culto da paz, que nos é peculiar, impõem-nos o dever de lançar as bases de um direito americano capaz de nos dar a unidade de pensamento e de acção necessária ao cumprimento da missão coordenadora que a história reservou à América. Para sermos ouvidos, precisamos de ser respeitados. E para sermos respeitados, precisamos de nos entender e coligar».

Ainda do seu depoimento, reproduzo as seguintes palavras:

«Para o advento dessa política,



O DOUTOR GETÚLIO VARGAS, Presidente da República do Brasil, pronunciando o seu discurso de saudação aos delegados da conferência Pan-Americana

o Brasil sempre contou com a boa vontade dos Estados Unidos. O grande e poderoso país norte-americano manteve, através do tempo, invariável e perfeito espírito de colaboração com o Brasil. No terreno económico, isentou de impostos aduaneiros o nosso principal produto de exportação, o café, e converteu-se no nosso maior mercado».

Com as próprias palavras de Getúlio Vargas acabo de fazer um resumo do programa e das tendências nacionalistas do Brasil, sob o ponto de vista político e sob o ponto de vista económico. Interessava-nos conhecer agora, também

em resumo e pela pena do magnífico poeta e ensaísta Ronald de Carvalho, o que é o nacionalismo literário da grande república sul-americana.

Poeta admirável — pelos temas, pela emoção e pelo ritmo novo, novo até nas composições de forma clássica — Ronald de Carvalho foi igualmente ensaísta, com a preocupação da independência, da absoluta autonomia do espírito brasileiro. No seu livro «Estudos Brasileiros», editado pelo «Anuário do Brasil», do Rio de Janeiro, ele assume, como se vai ver, idêntica atitude à que, um século antes, o nosso Garrett tomou ao

citado no magnífico ensaio — «História breve da Literatura brasileira», de José Osório de Oliveira — dizia, ao ocupar-se das «Lendas e tradições brasileiras» (a Europa, então, debatia-se nas labaredas da Grande Guerra):

«Só uma coisa sobrenada no catolicismo; só uma arte desafia os iconoclastas, só um tesouro não teme o saque: — o fundo de tradições, de ideal, de poesia, que são a alma de uma raça e o documento único de sua identidade entre os seus companheiros de planeta. A desventura alheia nos aconchega uns aos outros. Aproveitemos desse momento para nos conhecermos. Durante um século estivemos a olhar para fora, para o estrangeiro; olhem agora para nós mesmos».

Ronald de Carvalho tem o mérito de renovar e ampliar, com mais veemente eloquência, o pensamento de Afonso Arinos. As suas palavras são mais claras e mais incisivas. Parecendo, à primeira vista, a expressão dum rebelde, são, todavia, as palavras entusiásticas de um iluminado. São os escritores da novíssima geração quem lhes confere o tom e a essência profética.

Logo a páginas 62 do seu livro «Estudos brasileiros», encontro nítida e corajosamente definida a linha do seu pensamento nacionalista:

«As novas gerações do nosso país devem pôr todo o seu empenho no fecundo trabalho de aproximação entre os povos latinos-americanos. Confinados em nossas fronteiras, só temos olhos para ver a insidiosa Europa. Sofremos de um particularismo nefasto».

E logo, no período seguinte, o ensaísta proclama a sua hostilidade contra a influência do livro estrangeiro:

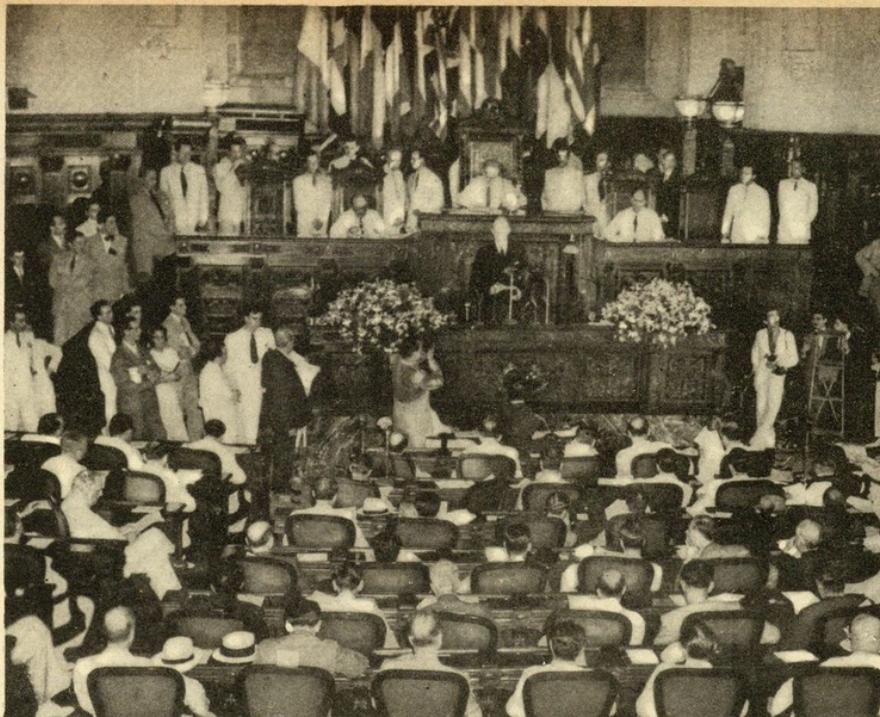
«Coloquemos acima do livro francês ou inglês o conhecimento mútuo das possibilidades americanas. A nossa literatura ainda é, na generalidade, produto de enxertias. Ao revés de lermos, para escrever, urge vermos, andarmos, palpamos os elementos activos do meio em que obramos. Basta de fecundação artificial».

Nesta página maciça, talhada, dir-se-ia, para resistir à corrosão dos séculos, Ronald de Carvalho torna-se irmão — a um século bem contado de distância — do nosso Almeida Garrett. Continuemos, pois, a ouvi-lo:

«Não tenhamos receio de que nos taxem de bárbaros. Amemos a nossa barbaria, da qual os europeus não podem mais prescindir. Deixemos em paz os mármore da Acrópole e as torres das catedrais góticas. Nós somos os filhos das serranias e das florestas, e, se quisermos criar uma civilização, arranquemos, desde já, as máscaras postiças que encobrem as nossas verdadeiras fisionomias».

Volto a página, e as palavras que encontro redobram de violência, áspera e agressiva e, no

Em 1915, Afonso Arinos, que vejo



Tanto sob o domínio político, como sob o aspecto económico e espiritual, a unidade americana é um facto. Ficou bem proclamada quando, no decurso da última conferência Pan-Americana, Sumner Wells, sub-secretário do Estado norte-americano dos negócios estrangeiros, dirigiu o seu famoso discurso aos representantes inter-americanos, sob as bandeiras das 21 repúblicas do novo continente.

entanto, sinceras e belas:

«O nosso dever é destruir o preconceito europeu, o pior, o mais nocivo de todos os nossos males. Demos à história dos povos americanos o lugar de eminência que, em nossas cogitações, ocupa a das nações de outros continentes. **Deixemos de pensar em europeu. Pensemos em americano.** Temos o prejuizo das fórmulas, dos postulados e das regras que não se adaptam ao nosso temperamento».

São ainda da mesma página estas palavras:

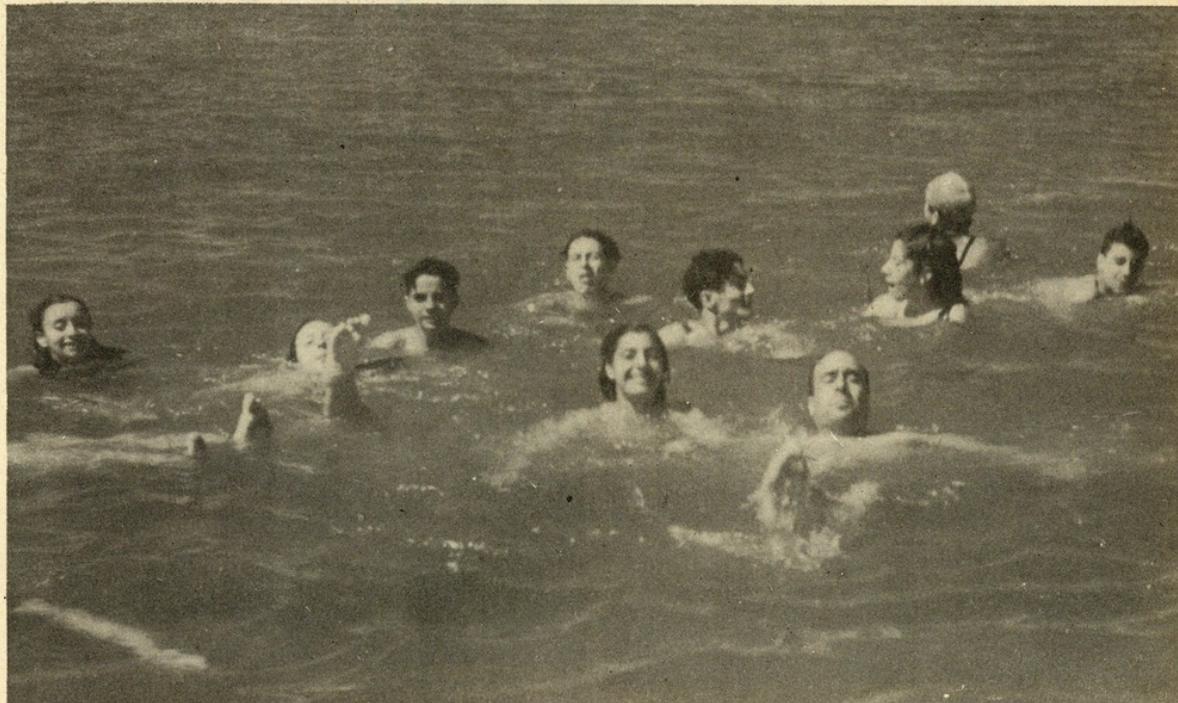
«O nosso dever é combater todos esses desvios, completando com a do pensamento, a obra da nossa independência política.

E nosso dever é erguer, dentro da nossa comunhão, na generosidade e no esplendor da beleza e da força, a civilização latino-americana, gerada em nossa carne e fruto do nosso sangue».

Páginas mais adiante, Ronald de Carvalho anuncia-nos, com penetração crítica, que «os jovens escritores de maior autoridade, do Brasil, estão brandindo armas poderosas contra qualquer espécie de virtuosismo linesco», e afirma — e essas palavras dão-nos a justa medida da sua compreensão humana da literatura — que «enquanto os nossos homens de letras forem apenas «literatos», não poderemos contar com uma literatura realmente representativa da civilização brasileira».

Como, logo no princípio desta crónica, declarei, os elementos que para aqui trouxe às braçadas, não são inéditos nem absolutamente novos, mas, quero crer, de alto interesse para o estudo e compreensão do nacionalismo brasileiro — dêsse nacionalismo latino-americano.

A sedução do mar neste princípio de Outono



A ALEGRIA DO BANHO, através d'êste instantâneo obtido, no domingo último na popular praia da Cova do Vapor, na outra banda do Tejo.

HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 5)

A ESQUADRA SAI DE ALEXANDRIA

A esquadra inglesa estava fundeada, sob o comando do almirante Cunningham, em Alexandria quando recebeu a notícia do golpe de Estado de Belgrado. O exemplo, relativamente recente, de Taranto e do Mar de Sardenha convidava a uma repetição que podia ser fértil em resultados compensadores. A acção naval que o almirante Cunningham encorou, imediatamente, devia ter no conjunto das operações terrestres o mesmo efeito preventivo e salutar que aquelas operações haviam tido no desenvolvimento das operações em África.

De bordo do «Warspite», onde se encontrava, o almirante inglês transmitiu imediatamente uma ordem para que os navios da sua esquadra ligeira aprontassem devendo sair para o mar dentro de trinta minutos. Ao mesmo tempo a esquadra de batalha devia aprontar-se também e estar em condições de se fazer ao largo no prazo máximo de três horas. Estes prazos brevíssimos dão idéa da prontidão e da regularidade com que funcionavam todos os serviços da esquadra, tornando assim possível a sua intervenção imediata em qualquer ponto onde a sua presença fosse exigida.

Enquanto os navios aprontavam, o almirante Cunningham celebrou uma reunião rápida, na sua câmara, com os comandantes das diversas unidades. Comunicou-lhes que os aviões de exploração acabavam de informar que uma grande formação naval italiana, compreendendo couraçados, cruzadores e contratorpedeiros, navegava entre as ilhas da Sicília e de Creta, o que proporcionava um ensejo pouco vulgar para travar um encontro que bem poderia ser decisivo.

Depois de ter feito esta comunicação, Cunningham conferenciou a sós com o chefe da esquadra ligeira, almirante Whippel, a quem deu instruções precisas sobre aquilo que lhe cumpria fazer. Pouco depois saíam de Alexandria as primeiras unidades: os cruzadores «Orion» e «Ajax», o «Gloucester» e o «Perth» (australiano). Seguiam-nos, de perto, as formações de contratorpedeiros que deviam tomar parte na acção. E por fim os navios de linha, com as suas equipagens de «élite», que o chefe da esquadra viu desfilar, com um orgulho compreensível, da ponte de comando do «Warspite», de onde devia dirigir toda a acção.

O INICIO DA ACÇÃO

Com os navios de linha («Warspite», «Voliant» e «Barham»), seguia o porta-aviões «Formidable». Foram os pilotos dos seus aparelhos que às primeiras horas da manhã de 18 transmitiram para o «transporte» a notícia esperada: «Acabamos de avistar uma esquadra italiana formada pelo couraçado «Vittoria Veneto», por seis cruzadores e por sete contratorpedeiros. Navegam a uma velocidade de 35 milhas, com rumo a sueste, junto à ilha de Sando». Nada mais era preciso.

Dez minutos depois os primeiros navios ligeiros da formação que o almirante Whippel co-

mandava entraram em contacto com as primeiras unidades da esquadra italiana. Cunningham recebeu logo notícia do facto num rádio lacónico: «Estou à vista dos cruzadores ligeiros italianos. Vou alterar o rumo para sueste». Foi isso que efectivamente fez, procurando atrair o inimigo na direcção dos navios pesados de Cunningham. Os italianos, percebendo a intenção, mudaram de rumo, deixando o adversário a segui-los de perto para não perderem o contacto, enquanto os primeiros aviões, levantando vôo dos cruzadores italianos, começaram a cruzar o espaço.

Logo que o momento pareceu propício, o «Vittoria Veneto», a uma distância de 30 quilómetros, e dois dos cruzadores pesados italianos abriram um fogo cerrado contra os navios ligeiros britânicos que iam no seu encalço, ao mesmo tempo que a esquadra de batalha de Cunningham se aproximava do local onde a luta começara a travar-se.

Não tardou que aparecessem no ar os primeiros aparelhos do «Formidable», que foram logo objecto duma ruidosa recepção por parte da artilharia anti-aérea dos navios italianos.

Sobre o «Vittoria Veneto» os aviões ingleses procuravam atingi-lo com os seus torpedos. Uma série de manobras hábeis e felizes furtaram, durante algum tempo, o couraçado italiano. Por fim este foi atingido, continuando, porém, a navegar. Entretanto, a formação italiana atacada foi reforçada com a aproximação de dois couraçados da classe do «Cavour», de três cruzadores de 10 mil toneladas e de quatro contratorpedeiros, o que lhe deu uma superioridade manifesta em relação ao adversário.

O VALOR DOS PORTA-AVIÕES

A batalha que se seguiu teve as características clássicas duma acção aero-naval em que a superioridade dos ingleses foi exclusivamente devido à acção excepcionalmente brilhante dos aviões do «Formidable».

Nela tomaram parte os seguintes navios:

Do lado inglês:

Os três navios de linha «Warspite», «Voliant» e «Barham» (todos antiquados e deslocando 31

mil toneladas); os cruzadores «Gloucester», «Perth», «Orion» e «Ajax»; o porta-aviões «Formidable» e duas flotilhas de contratorpedeiros, uma da classe «Jewis» (1.600 toneladas) e outra da classe de 1.200 toneladas. Com estes navios cooperaram quatro contratorpedeiros gregos de 1.300 toneladas.

O comando supremo destas unidades foi exercido pelo almirante Cunningham.

Do lado italiano:

O couraçado «Vittoria Veneto», de 35 mil toneladas, uma das mais modernas e poderosas unidades da sua classe em todo o mundo; dois couraçados da classe «Cavour» (24 mil toneladas); os cruzadores pesados de 10 mil toneladas «Zara», «Fiume» e «Pola»; alguns cruzadores da classe «Condottieri» (5 mil toneladas); algumas esquadilhas de contratorpedeiros das classes «Maestrale» (1.500 toneladas) e «Oriani» (1.700 toneladas).

Eram, como se verifica por estas linhas, duas poderosas formações cuja luta decidiu, por algum tempo, da supremacia naval no Mediterrâneo.

Os resultados da batalha foram os seguintes: o navio de linha italiano «Vittoria Veneto» atingido logo no começo da acção; o afundamento dos três cruzadores pesados «Zara», «Fiume» e «Pola», e de três contratorpedeiros.

A falta de porta-aviões fez-se sentir, de maneira sensível, do lado italiano. A política naval da Itália excluiu dos seus programas a construção de unidades daquele tipo com o argumento de que a relativa proximidade das costas as tornava dispensáveis, sendo sempre possível fazer rapidamente as concentrações de navios necessários para enfrentar quaisquer formações do inimigo. Os factos, em Matapan, encarregaram-se de opor um desmentido formal a esta doutrina, que teve como principal intérprete o almirante Domenico Cavagnari, a quem, de resto, a causa do ressurgimento naval na Itália muito ficou devendo.

(Continua)

(Rigorosamente proibida a reprodução, mesmo parcial)

TEMPO

EM DISTRIBUIÇÃO A EDIÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA DESTA BRILHANTE REVISTA DE ACTUALIDADES

EXEMPLAR: ESC. 2\$00

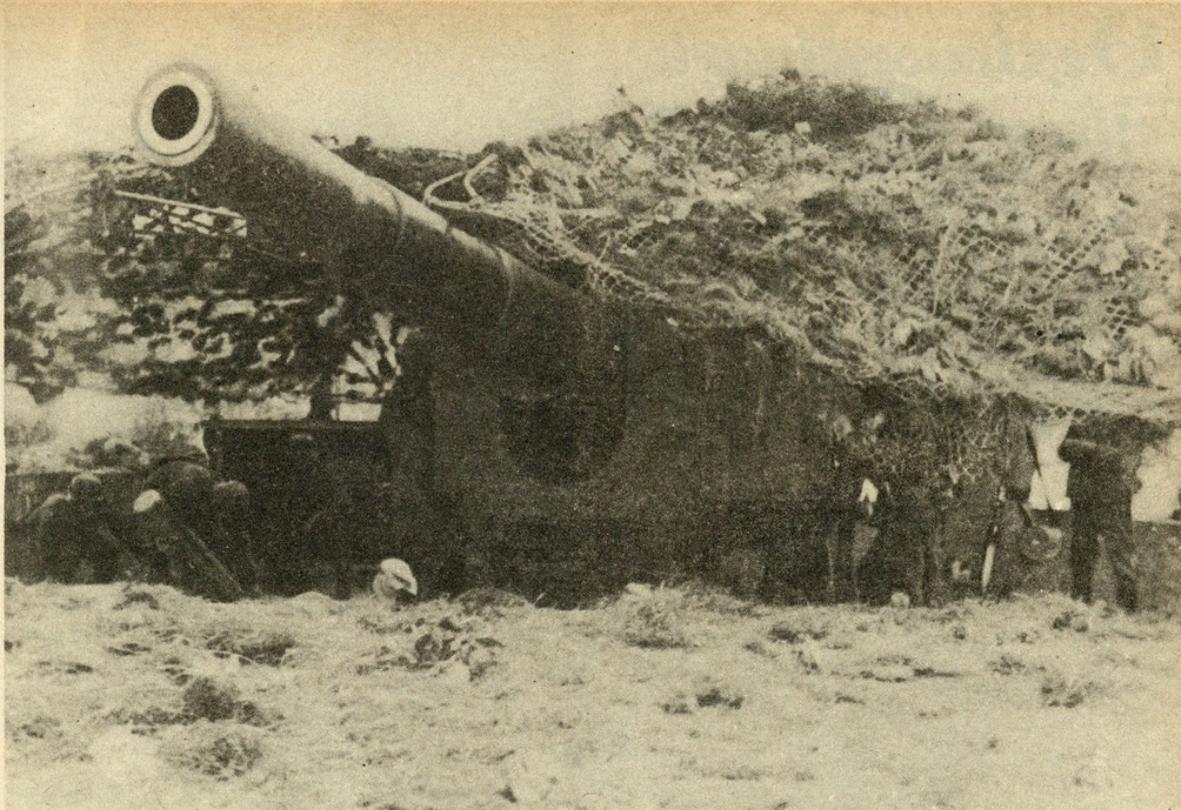
Distribuição da AGÊNCIA INTERNACIONAL
119, Rua de S. Nicolau — LISBOA



Aqui é Tulagi, nas ilhas de Salomão, onde as forças norte-americanas desembarcaram, expulsando os japoneses que a haviam tomado no seu avanço fulminante dos primeiros meses de guerra no Pacífico.



Esteve há dias no Pôrto, de passagem, o sr. Ministro da França, em Portugal. Durante a sua estadia na capital do Norte, o ilustre diplomata foi muito cumprimentado por numerosas individualidades e deu recepção à colónia francesa. É dessa recepção a foto que acima publicamos.

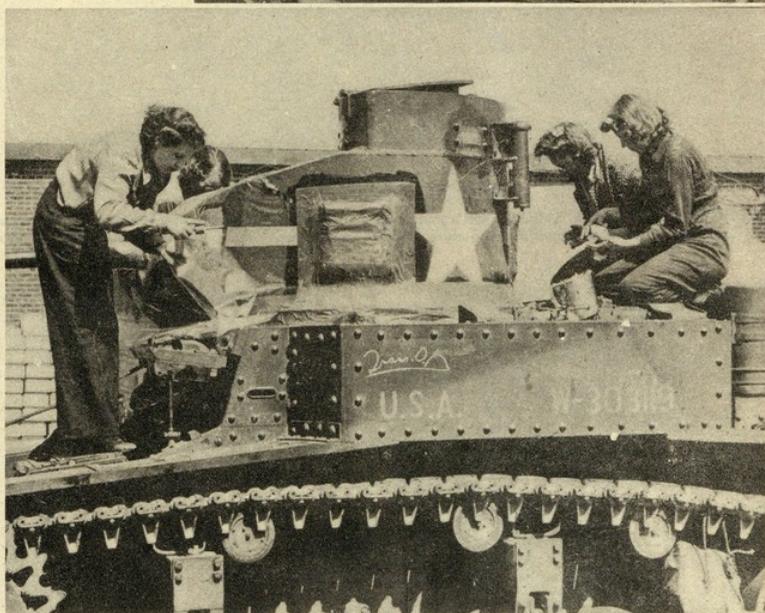
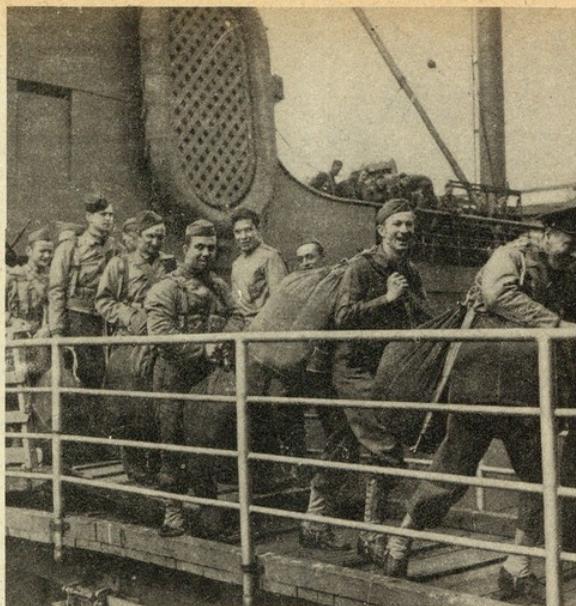


PERANTE A CONSTANTE AMEAÇA de invasão do continente pelas forças das Nações Unidas, os alemães reforçam cada vez mais as defesas das costas do Canal da Mancha ocupadas pelas suas tropas. Aqui vemos uma peça de grande calibre alemã na costa atlântica da Europa, pronta para entrar em acção ao primeiro sinal de alarme

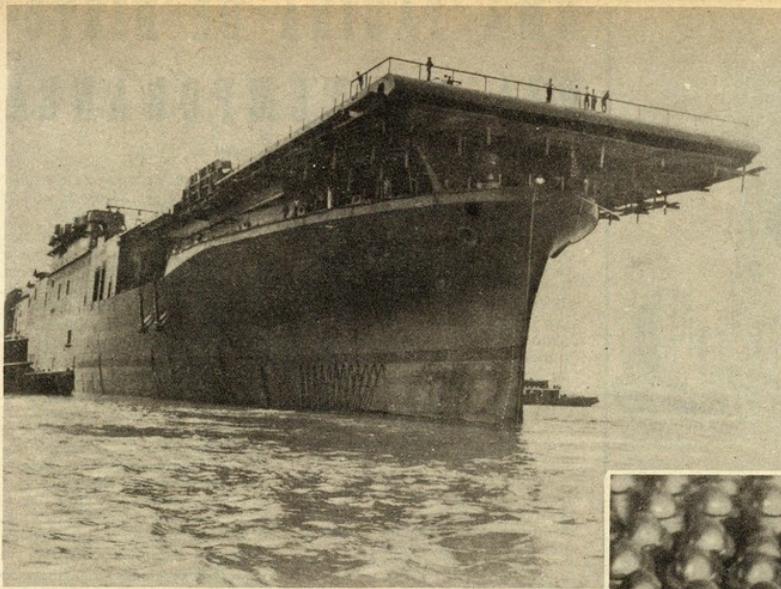


ENTRETANTO, OS «COMANDOS» BRITÂNICOS, prossequindo na sua tática de fazer «raids» às costas francesas ocupadas pelas tropas do Reich, levaram há dias a cabo uma operação de maior envergadura a Dieppe, onde, depois de haverem desembarcado com «tanks», as suas tropas se mantiveram durante nove horas. Após a destruição de alguns importantes objectivos inimigos, as forças britânicas reembarcaram, apesar de violentamente atacadas pelas tropas alemãs de ocupação. Na operação sofreram graves perdas, tanto em homens, como em material de guerra. Esta foto mostra-nos um «tank» britânico destruído na praia de Dieppe.

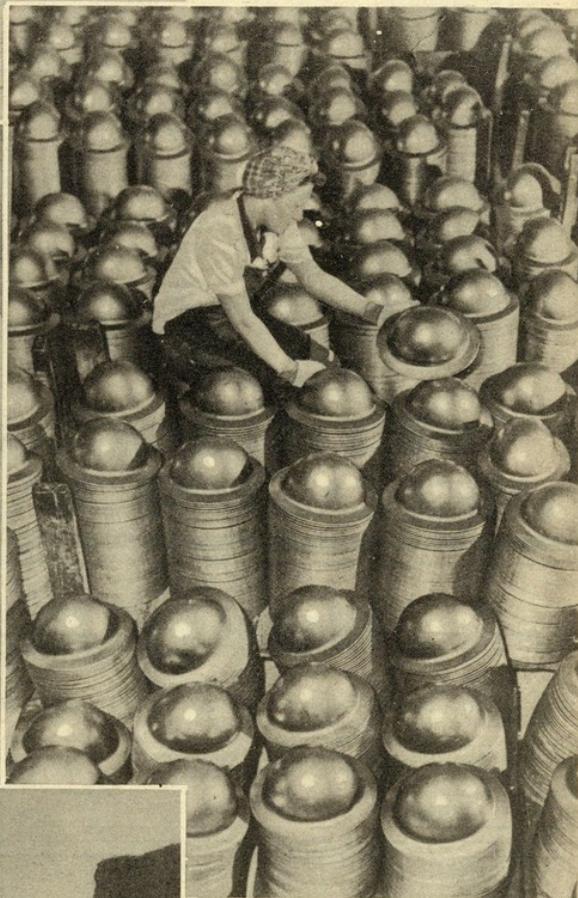
O extraordinário esforço de guerra da AMÉRICA



A PESAR da sua entrada no conflito sangrento que assola o mundo ainda se não haver feito há um ano, o esforço de guerra dos Estados Unidos da América é já extraordinário. Todos os recursos desse poderoso país estão mobilizados e tanto nas fábricas e estaleiros, como na indústria e na agricultura, homens e mulheres dão o melhor do seu rendimento de trabalho para que a nação saia vitoriosa da



guerra, para que o golpe japonês de Pearl Harbor a arrastou. Mas esse esforço americano não é feito só dentro do próprio país. Os Estados Unidos, fazendo funcionar em pleno a sua máquina militar, estão espalhando as suas forças combatentes de mar, terra e ar por vários continentes e oceanos. Soldados americanos se encontram já na Inglaterra e na Islândia, nas ilhas do Pacífico e na China, na Índia e no Egípto. O seu material de guerra chega igualmente a tôdas as «frentes» de batalha, sem falar já no substancial auxílio dado à Rússia na sua luta contra a Alemanha. Na Grã-Bretanha, especialmente, a acção militar dos Estados Unidos tem-se feito sentir de uma forma considerável. Além de numerosos desembarques de tro-



pas que ali têm feito, os americanos instalaram na ilha poderosas forças aéreas, com aeródromos e comando próprio, e com as quais têm dirigido nos últimos dias, utilizando as suas famosas «Fortalezas voadoras», sucessivos ataques aos principais centros industriais e importantes objectivos militares tanto da Alemanha como da França ocupada.

As fotos que publicamos nestas duas páginas mostram-nos bem, através de vários aspectos da sua preparação militar, o enorme esforço de guerra dos Estados Unidos da América.



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUÁ PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

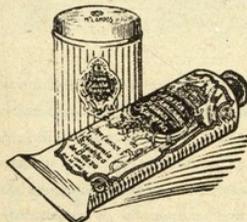
Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
8.15	WDI	3.ª feira a Domingo	31.02 m (9.67 mc/s)
8.15	WRCA	Todos os dias	39.7 m (7.565 mc/s)
8.15	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
9.30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31.02 m (9.67 mc/s)
9.30	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
19.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)
20.30	WRCA	Todos os dias	19.8 m (15.15 mc/s)
20.45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19.56 m (15.33 mc/s)
22.30	WGEA	Todos os dias	19.56 m (15.33 mc/s)
22.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

Vida **MUNDIAL** Illustrada

JOSE CÂNDIDO GODINHO — Director: **JOAQUIM PEDROSA MARTINS**
 — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:
 Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



2
**PRODUTOS
 INDISPENSÁVEIS
 A BELEZA
 DA SUA PELE**

CREME E PASTA DE AMÊNDOAS

RAINHA DA HUNGRIA

SÃO PRODUTOS M.ª CAMPOS

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

Avenida da Liberdade, 35

LISBOA

Vida **MUNDIAL** Illustrada

UMA PÁGINA DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

(Conclusão da pág. 2)

Wagner, que, ao que parece, lhe interessavam. Li, gostei do original e mostrei-o ao director que concordou na sua publicação. Escreva bem, como hoje e até me parece que com a mesma letra. A convivência, depois, mais tarde, os campanhas da Juventude Católica que eu chefiava no norte «en pleine bogarre», e que ele sentiu a rodeá-lo em certa tarde no Pôrto ao fim duma tumultuosa conferência que lá foi fazer, o Centro Católico em cuja orientação política final dissintimos, a sua colaboração sobre economia e finanças que lhe pedi para a «Liberdade» e para o «Debate», do Pôrto, que sustentei, tornaram-nos amigos. Mas tudo isto já são águas de recordações e saudades passadas por debaixo das pontes.

— Mas havia mais rapazes no Centro?

— Pois havia. Talvez uma ou duas escassas centenas. E se uma comunhão de crenças religiosas nos unia, com um respeito exemplar pelas opiniões políticas de cada um, facto então invulgaríssimo na educação portuguesa à medida que a política se acirrava, não era fácil que, sem provar real valor, alguém se sustentasse no estrado de conferências do Centro. É que na sala (a sede era então na rua dos Coutinhos) agrupava-se a um canto um número restrito mas seleccionado e vivíssimo de objectores, piores que cardialisdobos, a cujas interrupções, ápartes e contraditas, não era frsqüente que se resistisse. O que eu passei quando me coube a vez!

Era então secretário do Centro. Lembro-me nesse grupo do dr. Elias de Aguiar, do dr. António Rodrigues de Oliveira, do dr. Feliciano Guimarães, hoje lente de medicina, do dr. Garpar Pinto da Silva, do dr. José Cabral, do dr. Cunha Barbosa, do dr. Alberto Diniz da Fonseca e seu irmão Joaquim, hoje sub-secretário de Assistência, do dr. Ruela Cirne e seu primo o dr. Ruela Ramos, o primeiro já falecido, do padre Garcez, de Santarém, do dr. Carlos Mendes, de Torres Novas, e outros.

— Nunca os desuniram as questões académicas ou políticas?

— Nunca. Discutíamos (e por exemplo no tempo de João Franco, em verdadeiras tempestades), mas nunca nos separávamos, e apesar de tudo, a recordação dessa camaradagem ficou sempre viva. Encontrai-a mais tarde em três companheiros de Angola e Moçambique.

— Qual o último presidente do C. A. D. C. que conheceu?

— D. José de Queiroz e Lencastre, coração bondosíssimo num espírito de fidalgo.

— Onde era impresso o «Imparcial»?

— Em Aveiro, na tipografia do «Povo de Aveiro», onde por vezes era preciso ir arriscadamente lutar com Homem Cristo, pois passávamos uma tragédia para nos aproximarmos d'ele que, perseguido ou ameaçado, não abria a porta sem interrogatórios prévios e

até, uma vez, de pistola em punho. — O jornal foi efectivamente a afirmação que desejavam?

— Creio que sim, ainda hoje. Nas suas páginas fez-se pela primeira vez a afirmação da independência da Igreja e da acção católica perante regimes e partidos. Fui eu incumbido de escrever dois ou três artigos a defini-lo, e foi um arrôjo, entre a reacção monárquica e a rajada de hostilidade à Igreja que inestava a república nascente. Mas acima de tudo queríamos a liberdade. Valeu-nos essa attitude que aliás o Núncio e alguns Bispos aplaudiram, sofrermos ataques das direitas e das esquerdas, que se prolongaram até mais tarde, quando a mesma geração do C. A. D. C. fundou no Pôrto o Centro Católico com a mesma posição na politica, posteriormente desviada do seu primeiro curso, a qual já fóra a do partido nacionalista chefiada por Jacinto Cândido — onde isso vai! Mas tudo sofrermos e sacrificá-mos. Exigiamos o direito de cidadania, e entre o realismo e a liberdade preferiamos, como hoje, evidentemente a segunda, que é filha dilecta de Deus.

— O que deslândia o Centro Académico de Democracia Cristã?

— O Centro fundara-se, como disse, por alturas da perseguição religiosa ao tempo do decreto de Hintze Ribeiro, para a defesa dos principios inscritos e proclamados por Leão XIII na encíclica **Rerum Novarum**, pelo que se publicou depois uma revista, os «Estudos Sociais». A defesa da fé e da liberdade da Igreja vinha junta aos objectivos de reforma social que levantaram no mundo um movimento espiritual e de acção formidável, sobretudo depois da encíclica **Quadragesimo Anno**, de Pio XI, sob a mesma bandeira da Democracia Cristã, que ainda não se enrolou.

— Essa designação não perdeu a côr?

— Cada vez mais penso que não. Pelo contrário. Os que não passaram as barreiras atrolados por falsas miragens de trufalências que a heresia racista e totalitária argueu contra o Cristianismo — uma das mais temíveis que a Igreja tem afrontado — ainda hoje encontram os acontecimentos políticos e sociais entre as duas grandes guerras e os que vão seguir-se a esta, sob o mesmo sector de luz que jorrou d'esses dois geniais documentos pontificios. Não quero dizer que previmos porque isso é bem fácil, quando se olha sem desvios para a bússola do Vaticano. Mas é consolador verificar que a semente não se perdeu, e que as novas gerações de juventude católica universitária ainda levantam no espirito contra aquela heresia a mesma independência e galhardia que nós tivemos contra outras e outros preconceitos. Valeu de facto a pena lutar. O que é mais difícil hoje é topor quem saiba resistir conservando os mesmos principios.

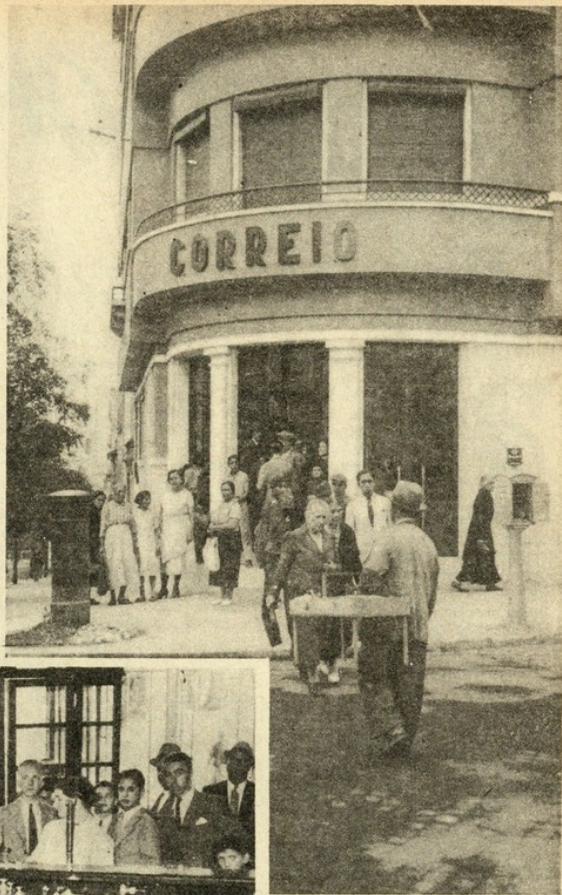
E sobre o fim da tarde, a entrevista terminou.

VIDA MUNDIAL é um jornal que vale por muitos jornais

Lisboa possuía uma nova estação de correios



O MODERNO EDIFÍCIO em que ficou instalada a nova Estação Telégrafo-Postal de Campo de Ourique, na Rua Domingos Sequeira, e que se destina a servir um dos mais populosos bairros de Lisboa



UM ASPECTO DA INAUGURAÇÃO da nova estação. Em primeiro plano, os engenheiros Oscar Saturnino e Alexandre Salgado, respectivamente Director dos Serviços da Exploração e Chefe da Repartição dos Serviços Telégrafo-Postais, e João Fiuzza, Chefe dos Serviços Telegráficos da capital.

Aqui é já a nova Estação Telégrafo-Postal em pleno funcionamento. O público acode, um pouco por curiosidade, mas especialmente para ser servido. Com a inauguração de mais esta moderna estação de correios, o Estado dá cumprimento à sua obra de valorização nacional, através de um dos serviços em que mais benefícios pode prestar ao público. Regosijamo-nos sinceramente com isso, com os louvores que essa obra inteiramente merece.



Sorte Grande

Uma novela de Esther Corte Real

G

LE era ninguém. Mais um igual a outros. Pedacos de matéria que a vida anima, e que passam pela vida sem abrigo, sem rumo, sem carinho!... Que saem dum ventre impuro de mulher para o catre do hospital e de outro catre semelhante vão, arremontados no esquite miserável, para o seio acolhedor da terra.

Vidas que são apenas sofrimento e lama... E às vezes, também ódio.

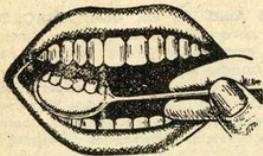


Vegetara sempre pelos recantos lóbregos do Bairro Alto, o bairro dos beijos pecadores e das melpeias fadistas.

E quando à tarde a sua figura sórdida se recortava, sinistra, na

Gengivas sãs

Dentes fixos, sem cárie e sem piorreia



Só com PARGIL

(Produto medicinal)

e nunca com os dentífricos que, martelando na palavra «micróbios», não passam de banalidades falsamente medicinais de laboratórios de perfumarias.

PARGIL, com uma fórmula complexa (que inclui uma cultura antimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um enérgico microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara 'aisamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.**

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

bóca vermelha das ruas excêntricas—guelas negras que, nessa hora, o sol morrente ilumina—havia sombras receosas no olhar dos que passavam, cuidando talvez um louco ou um assassino. Medroso, embrutecido pela miséria (vento malsinante como o que, à beira do mar, acurva e define os pinheiritos bravios), olhando de revés, torcendo caminho, ladecendo grupos, êle lá ia, desconfiado e hostil, até colar-se ao gradeamento de S. Pedro de Alcântara, a litar o panorama da cidade, numa expressão parada, imbecil...

E só quando as últimas luzes se acendiam, polvilhando aqui e ali o casario—como se tódas as claridades do céu fóssem caíndo, diluídas em gotas luminosas, sobre o negrume da cidade inteira—é que êle voltava, cauto, vagaroso, a sumir-se na escuridão das vielas, para continuar, nalgum canto lóbrego, o sono interrompido.

Dormir é vício dos que têm fome. Único bem que Deus concede aos sem-ventura.

Por isso, êle só acordava para comer a magra sopa e recomear, à hora cinzenta, o sono interrompido.



Mas um dia quis levantar-se e não ponde; doíam-lhe as pernas ardiam-lhe os olhos, e um calor insuportável o afligia. Voltou a estender-se nos seus trapos e ali esteve torturado, cheio de febre e de sede, tóda a noite e o dia seguinte até ao entardecer; depois, como o agulhão espicava a carne do pobre animal moribundo e o obriga a um último esforço, assim a fome o obrigou a erguer-se em busca de sustento.

E quando, após a parca refeição, atravessou, num velho hábito, a rua estreita, os seus olhos esbarrram no quadro de madeira, repleto de bilhetes de lotaria, colocado junto da parede lateral da velha igreja de S. Roque, iluminada à noite pela lanterinha bruxuleante.

E os números apareceram-lhe enigmáticos, extravagantes. No seu cérebro, que a febre desvaivava, houve, súbito, um choque violento. Os Algarismos dançavam, pulavam, agitando-se como diabitos negros, irrequietos.

—Quatrocentos contos! Quem quer a taluda?! Cá estão quatrocentos contos!

O homem apregoava; e o prego que, para êle, fora sempre apenas «ruído», soava agora, fixando-se-lhe na memória, com uma nitidez estranha: como uma porta que se abrisse, cheia de luz violenta, a mostrar-lhe, finalmente, não a vida miseranda, a sopa frouda, os tetos negros, o ardido

gradado... mas a vida da outra gente, que come à farta, que tem bem-estar e agasalho—tudo enfim quanto êle jamais possutra!

E olhou, e olhou, e ficou-se a olhar tempo sem fim...

Daf em diante dormia menos... E à tarde, e à noite, lá estava defronte do cartaz, olhando os números... Eles sucediam-se, listrados de cores: róxo, castanho, amarelo, verde claro...

Moviam-se todos os Algarismos... Os «setes» inclinavam-se, pândegos, em atitudes de patinadores. Os «zeros» eram cómicos, barrigudos como anafados burgueses... E os «uns»—coitados!—surumbáticos, magrinhos!

Na alucinação da febre que o consumia, os seus olhos ardentes fitaram um número em que os «dois» lhe acenavam, imperiosos, com as cabeçitas curvas:—6222! gritava o cauteleiro; e os Algarismos diziam-lhe:—Sim, sim, sim! Pela primeira vez, na sua alma estagnada, entorpecida, se gerou, forte, uma vontade: queria aquêlê número!

E nos dias seguintes a fascinação e o desejo continuaram espiçando-o, num crescendo desordenado, furioso.

Sexta-feira ali esteve, até não alta, de olhos fitos e dentes cer-

dos, à espera...

Por fim, cansado, exausto, arrastou-se até ao recanto sujo que lhe dava abrigo, e adormeceu.

Quando despertou, era já tarde; soavam em S. Roque badaladas graves, solenes: eram 3 da tarde... Sábado!... Ergueu-se num alvoroço, a indagar se «tivera» a sorte... A sua vontade intensa suggestionara-o até crer seu aquêlê número. Correu à embocadura da rua, e olhou. Defronte da taboleta, havia areia vermelha; junto dela o cauteleiro ria satisfeito:

—Hein?! Sempre foi verdade! 6222... Cá estava a sorte!

Quedou-se a olhar, suspenso; lentamente, as palavras soavam-lhe aos ouvidos. Correu então com ímpeto; mas, súbito, estacou irresoluto... Vislumbrou a realidade num clarão brutal: não lhe pertencia o número! Retezou os braços alucinadamente, numa visão de louco desespero—o desespero de ver perdido o sonho.

Lá do alto descia apressado um eléctrico, e do lado oposto um «taxi» subia a rua, vertiginosamente... Mas êle, cego, obsecado, nem os viu! Colhido de surpresa, girou atordoado entre os dois veículos. Debalde quiseram poupá-lo; êle próprio, na ânsia de fugir, se atirou e foi despedaçado entre as rodas brutais do eléctrico.

Esparrinhou sangue, houve borborinho, gritos, aliação...

Tiraram o corpo mutilado, inerte...

E lá foi, já insensível, sem dores, sem fome, sem desejos, no carro que o levou à mesa de pedra, e dali à terra amega...

E tudo serenou.



Daf a pouco desfranziram-se os rostos. Extinguiram-se nos lábios as últimas palavras de comoção. Apenas a areia ficou mais vermelha ainda. Tingira-a o seu sangue; foi para êle, afinal, a única—a verdadeira Sorte Grande.





Mussolini esteve na frente do Egípto

NA OFENSIVA DE ROMMEL, que levou as forças germano-italianas a cerca de uma centena de quilômetros de Alexandria, onde os contra-ataques de Auchinleck as fizeram deter, os ataques maciços da aviação do «Eixo» tiveram um papel de decisiva importância. Entre essas forças aéreas contavam-se poderosas formações italianas, que não deram tréguas ao adversário. Foi para prestar homenagem a essas forças que Mussolini se deslocou à «frente» egípcia, como se verifica por esta foto, em que se vê o chefe do Governo italiano condecorando, por feitos de guerra, um dos seus aviadores.

Vida
MUNDIAL
Ilustrada



*Neste admiravel mez de
Setembro*

o mez das **PRAIAS**

Vida
MUNDIAL
ilustrada

ESTAMOS EM SETEMBRO, o último mês de férias. O mês das praias, o mês do mar. Prestes a regressar ao estudo na escola ou ao trabalho na oficina ou no escritório, a mocidade procura nestes últimos dias de vida ao ar livre, brincando despreocupada sobre a areia branca ou banhando-se com prazer nas águas calmas, o tónico do corpo e de espirito que lhe há-de permitir enfrentar com melhor disposição os incertos dias de actividade intensa que se aproximam.

(Foto Armando Seródio)